

Deponente: Luiz Antônio Chaves

Entrevistador: Robson Sávio Reis Souza, Arnaldo Zangelmi, Caroline Cunha Rodrigues, Fernanda Nalon, Marina Camisasca e Juliana Ventura

Data: 26 de maio de 2017

INTERLOCUTOR: Gostaria de conversar com você sobre a questão do Xacriabá.

LUIZ CHAVES: (trecho incompreensível)

ROBSON: Tá. E pode, e pode também, eu falei com a Juliana, pode ser na sequência da nossa conversa, já virar como também um documento da, né, da COVEMG. Tá? E nós também temos o professor, desculpa, eu sempre esqueço.

ARNALDO: Arnaldo.

ROBSON: Arnaldo que é da UFOP, e é um dos nossos colaboradores da Subcomissão de Trabalhadores Rurais.

INTERLOCUTOR: E ele também pesquisa o movimento rural em Minas Gerais.

ROBSON: Então, podemos?

LUIZ CHAVES: Podemos. Vamo lá?

ROBSON: Bom, então hoje é dia 26 de março de.

INTERLOCUTOR: Maio.

ROBSON: De maio, 26 de maio de 2017, nós estamos aqui na Escola Superior Dom Helder Câmara, em Belo Horizonte, para uma oitiva, E também uma entrevista com o Luiz Chaves. Eu gostaria de apresentar a equipe que irá conversar com ele, nós temos aqui a Fernanda.

FERNANDA: Boa tarde.

ROBSON: Que é também da Subcomissão de Trabalhadores Rurais, nós temos a Marina Camisasca, tá? A Caroline, a...

JULIANA: Juliana.

ROBSON: Juliana, desculpa, que é da Subcomissão, também, dos Indígenas, e o professor Arnaldo que é da Universidade Federal de Ouro Preto, e também é colaborador da Subcomissão de Trabalhadores Rurais, tá? O meu nome é Robson Sávio, eu sou coordenador da Comissão da Verdade e também coordenador da Subcomissão dos Trabalhadores Rurais. Inicialmente, Luiz, eu gostaria que você se apresentasse, falando seu nome, como que você gostaria de se identificar, e também algum dado sobre a sua, o seu nascimento.

LUIZ CHAVES: Bom, o meu nome é Luiz Antônio Chaves, mais conhecido como Luiz Chaves, acho que o segundo nome, eu até esqueço, né? Luiz Chaves. Nasci no Rio Grande do Sul, fui seminarista até o início de Filosofia, quando fui expulso do seminário, juntamente com a minha turma toda, né? Por revolta naquele período de, em plena ditadura, o seminário um tanto conservador e a gente revoltado com tudo que via, com o que via, né? E em plena guerrilha do Araguaia, a gente recebia notícias através de um seminarista, que por sinal, era de Champioar, e enfim. Expulso do seminário eu procurei ir pra Goiás, através de um padre conhecido meu, que havia sido meu professor no seminário. E foi assim, pensando "Pô, essa guerrilha do Araguaia é lá em Goiás, então eu tô indo pra lá, eu vou conhecer se é verdade". Na verdade eu fui parar em Goiás Velho, na diocese de Dom Tomás de Balduino. E ali eu tomei conhecimento do que a guerrilha já estava praticamente sufocada, né? E acabei, ali tendo praticamente o início da minha militância política, né? Bom, havia acabado de ser fundada a Comissão Pastoral da Terra.

ROBSON: Isso em qual ano?

LUIZ CHAVES: Isso foi em 75, 76, né? E aí já tive contato com grandes lideranças da luta pela democratização, da luta pelos direitos humanos, que principalmente, liderados por Dom Tomás Balduino, que era bispo de Goiás Velho, e Dom Pedro Galsadalia, que era bispo de São Félix do Araguaia. Eu acabei ficando na diocese fazendo trabalho de pastoral. Interessante que nessa época também, havia uma campanha muito grande da TFP - Tradição, Família e Propriedade, liderada, essa campanha liderada pelo bispo de Diamantina, Dom Geraldo Correia Sissigu. E essa campanha voltada especialmente para os bispos progressistas, resultou numa demandada grande de padres, padres europeus principalmente, que ficavam com medo de se envolver naquela celeuma toda, né? E acusados de comunistas, né? E a diocese de Goiás Velho ficou praticamente sem padres, as paróquias ficaram sem vigários. A maioria europeus, voltaram pra Europa, né? Então o Dom Tomás Balduino estava pegando gente de todo lado, então havia uma paróquia no município de Uruana, que o Dom Tomás, lembro-me muito bem que ele falou o seguinte: "Olha lá, o padre foi embora. Nós temos uma senhora lá, que por sinal mineira, Maria Cristina de Assis Fonseca, uma socióloga, e ela está lá, cuidando da paróquia. Eu quero que cê vá pra lá, pra ajudá-la, né? A iniciar um trabalho de pastoral na paróquia." Aí eu fui pra lá, praticamente assumimos a paróquia de Uruana, celebrávamos até, até batizados a gente já fez naquela paróquia lá, né? E ministrávamos orações, fazíamos trabalho de

pastoral todo lá. E de lá acabei indo pra, através dela mesmo, fomos pro Pará, trabalhar na FASE - Federação de Órgãos de Assistência Social Educacional. Ali no Pará é que tivemos também contato importante com lideranças que estavam criando o Partido dos Trabalhadores. Tínhamos contato direto com o pessoal de São Paulo, jornalistas do jornal Movimento, jornal Pasquim, e conheci ali lideranças importantes, depois vieram a se transformar em grandes lideranças, como o Avelino Ganse, que foi líder da Central Única dos Trabalhadores, depois acabou virando diretor da Contag. Geraldo Pastana, se transformou... foi deputado depois pelo estado do Pará. O Ranulfo, Ranulfo, grande educador, me parece que tá no CEBI em São Paulo, ainda hoje, não sei se ele está vivo. Enfim, muitas lideranças aí, e começamos a contribuir exatamente para a fundação do Partido dos Trabalhadores. Tive oportunidade de trabalhar na Transamazônica, numa pesquisa importante, tive contato com muitos colonos do Rio Grande do Sul, meus conterrâneos, que foram levados pra lá pela, pelo Governo Militar e enfim, de lá, através da mesma Cristina de Assis Fonseca, eu vim pra Belo Horizonte, visitar a família dela junto com ela, e acabei ficando, fiquei por aqui.

ROBSON: E aí é seu início já de trabalho na FETAEMG aqui?

LUIZ CHAVES: É, foi praticamente o meu primeiro emprego aqui em Minas Gerais, Então através da Cristina eu conheci um pessoal ligado a jornal de bairros, no qual, do próprio Nilmário, né, parece que foi um dos fundadores. E havia um importante conflito no norte de Minas, na cidade de Janaúba, por ocasião da construção da barragem Pico da Pedra, barragem da CODEVASF. E havia, a FETAEMG tinha convocado uma reunião pra lá, e o jornal de bairros ia fazer uma cobertura. Eu me lembro muito bem, que eu conheci através da Cristina, o Juarez, Juarez Dayrell, parece que ele professor da UFMG hoje, né?

ROBSON: Você lembra o ano disso?

LUIZ CHAVES: Isso foi em 79 ou 80, final de 79, 80. E aí eu fui pra lá, juntamente com ele, mais um jornalista que não lembro o nome, e lá eu conheci o pessoal da FETAEMG, em Janaúba, e eles me fizeram o convite pra trabalhar na região. E acabei aceitando esse convite, e fiquei apenas alguns meses aqui em Belo Horizonte, já como funcionário da FETAEMG, e daqui eu fui direto pra Montes Claros, onde me instalei, no início de 1980 eu já me transferi para Montes Claros.

ROBSON: Você já era advogado?

LUIZ CHAVES: Não.

ROBSON: Não era advogado lá?

LUIZ CHAVES: Não era advogado.

ROBSON: Lá você trabalhava, esse trabalho você começou como?

LUIZ CHAVES: Eu comecei como assessor educacional, era essa a denominação, assessor educacional. Bom, e nessa, nessa época, é importante salientar que fervilhavam conflitos de terras na região, e nesse mesmo período, havia acabado de acontecer o terceiro congresso de trabalhadores rurais brasileiro, liderados pela Contag, e que esse terceiro congresso ele é tido como um grande marco divisório na luta dos trabalhadores rurais. Pela primeira vez o sindicalismo rural entende que eles têm que enfrentar a luta pela terra organizadamente, enfrentar essa luta coletivamente. Até então eles faziam essas resistências isoladas, né? Então vamos lutar em conjunto, e pra isso nós temos que fundar sindicatos, montar delegacias sindicais, enfim, organizar os trabalhadores. E pela primeira vez também, eles começaram a discutir além da questão possessória, além da questão da reforma agrária, a questão dos direitos dos trabalhadores assalariados, que até então não havia essa discussão dentro do movimento sindical. Por outro lado, a classe rural também se organizava, né? Dava início à criação da UDR, então de um lado o sindicalismo tentando fazer enfrentamento, do outro lado a classe patronal se organizando na UDR. A ação da igreja também foi importante nesse período porque em 1980 foi quando a igreja reunida em Itaici, os bispos do Brasil publicaram o primeiro documento também voltado para a questão agrária. A igreja e os problemas da terra, né? Bom isso aí então, eu acabei indo pra lá com essa missão: criar sindicatos, criar delegacias sindicais, para fazer enfrentamento aos conflitos agrários que ocorriam na região. Aí por sinal o primeiro sindicato que nós fundamos foi o de Janaúba, o sindicato de Janaúba.

INTERLOCUTOR: Que quando, que ano foi?

LUIZ CHAVES: Em 80.

INTERLOCUTOR: Em 80 já?

LUIZ CHAVES: É, 80.

INTERLOCUTOR: E o senhor ficou por quanto tempo na formação desse sindicato?

LUIZ CHAVES: Bom, na FETAEMG eu tive dois períodos, primeiro de 80, final de 79 até 84, como educador sindical, assessor sindical. Depois tive outro período, de 87 a 90, como advogado já da FETAEMG, também na mesma região, né? Agora, tivemos também uma atuação importante lá da igreja e eu, eu tive a sorte de fazer essa ponte

também, dessa atuação da igreja, o início da atuação da igreja nos conflitos agrários do norte de Minas, Como eu vinha de Goiás, já com, com, tendo participado da CPT, eu fui para o norte de Minas, também com incumbência de criar a CPT na região. Fui coordenador da CPT por um grande período. E coincidentemente também apareceu a luta pela criação da CUT – Central Única dos Trabalhadores, e eu tive a oportunidade também de coordenar todo esse trabalho para criação da CUT. Fizemos, depois, o próprio MST. Então, eu liderei uma caravana do norte de Minas pra participar do primeiro Conclat de Praia Grande, em 1981, depois eu liderei também os trabalhadores rurais para a participação da fundação da CUT, em 83, em São Bernardo do Campo. 85, nós levamos em grande caravana ao primeiro congresso nacional dos trabalhadores sem-terra em Curitiba, né? Então eu acabei fazendo essa ponte entre igreja, sindicalismo, sem-terra, isso gerou até um desconforto pra própria FETAEMG, eu lembro-me que numa das, das reuniões envolvendo as federações da Bahia, Minas Gerais e Pernambuco, foi questionado esse, o movimento sindical queria saber qual que era o papel da CPT. Eles estavam mais ou menos preocupados porque a CPT estava entrando na luta dos posseiros e eles não se sentiam muito confortáveis, né? E posteriormente acabou que, aliás isso refletiu também na fundação da CUT, partindo do primeiro Conclat em São Paulo, Praia Grande em 81, tanto assim que houve um racha, né, entra a turma do Lula e a turma do Zé Francisco. Zé Francisco era o presidente da Contag, liderava uma boa parcela dos trabalhadores rurais, e o Lula liderava grande parcela dos trabalhadores urbanos. Então houve um desentendimento profundo com relação à própria criação da CUT, e o Zé Francisco com os rurais, acabaram se retirando do primeiro Conclat que teve em Praia Grande. E essa, essa rixa demorou a ser solucionada, né, e, e, mas no entanto, no norte de Minas, nós conseguimos unificar porque eu era ao mesmo tempo representante da igreja da CPT, representante da FETAEMG, representante do MST, representante da CUT, entendeu? Fui advogado da CUT posteriormente na região também, então nós fizemos uma unificação das lutas, foi muito importante isso pra região, tanto assim que não demorou em 82 nós já criamos em Montes Claros a chamada Casa de Pastoral Comunitária, Casa de Pastoral Comunitária. Nesse período tivemos a participação importante de duas, uma psicóloga e uma assistente social, que era a Roseli, Roseli Carlos Augusto, que vinha de Belo Horizonte, e a Ana, Aninha, Aninha, Ana Gonçalves, que era assistente social. Então formamos uma equipe ali, dentro da Pastoral Comunitária. Elas iniciaram o trabalho com PO – Pastoral Operária, e eu

fazia o trabalho de campo com a CPT. Unificamos ali, Pastoral Operária, com Pastoral da Terra, com CUT, com PT, com tudo, né? E aí iniciamos a fundação do PT também. É importante salientar que a maioria dos diretórios do PT da região, eu também fui um dos fundadores dos diretórios. E sindicatos eu colaborei pra criação de ao menos 18 sindicatos dos trabalhadores rurais só no norte de Minas.

ROBSON: E esse era um trabalho também da FETAEMG?

LUIZ CHAVES: Olha.

ROBSON: Como é que era o papel da FETAEMG nessa história?

LUIZ CHAVES: A FETAEMG, é importante dizer que nesse período ela, ela tava bastante ainda com uma incógnita, vamos dizer assim, sem saber se encarava essa luta através do movimento sindical tão somente, ou se fazia uma aliança com os trabalhadores urbanos, porque era uma grita naquele momento, no início da fundação da CUT. Quer dizer é necessário juntar as forças, unir as forças, e a gente sentia que a FETAEMG tinha medo de perder terreno, ou seja, se você deixar a CUT entrar aqui, ela vai tomar os nossos sindicatos, né? Então ficava naquela, da mesma forma, quando surgiu o MST, né? Essa resistência, como ocorreu com a CPT. Então na verdade, é aquele ciúme, né, que dizer, que essa aqui é minha roça, o pessoal tá querendo entrar dentro da minha Roça. Mas felizmente, o diretor de FETAEMG a época, o André Montalvão, presidente da FETAEMG, ele tinha uma visão até bastante clara, e ele, em certo sentido ele deu autonomia a gente trabalhar. E foi nesse período que se criou uma comissão importante dentro da FETAEMG, com bons assessores, que eu lembro, eu não sei, eu não lembro o nome mais, foi o Alex.

INTERLOCUTOR: Alex Grécia.

LUIZ CHAVES: Alex Grécia.

INTERLOCUTOR: É esse?

LUIZ CHAVES: É esse certamente, né? Foi um grande assessor que nós tivemos, que ele ficava aqui dentro da FETAEMG, daqui ele coordenava, de certo modo ele mantinha aquele contato com todo pessoal que estava na base, era feito através dele. Depois também, me parece que ingressou na FETAEMG na mesma linha o próprio Ademar, Ademar Gadelha, Edmar Gadelha, que ele foi esposo da Roseli, né? Vocês devem conhecer, também trabalhou na assessoria da FETAEMG. Então foi feito um importante trabalho nessa época, né? Enfrentando as grandes lutas que ocorriam na região.

INTERLOCUTOR: Uma questão sobre o conflito de Cachoeirinha, quando o senhor chegou em Minas, esse conflito já, já tava, já era meados da década de 70, final da década de 70, quê que existia? Que o senhor encontrou nesse conflito?

LUIZ CHAVES: Pois é, interessante que o conflito de Cachoeirinha pra mim surgiu juntamente com o Saluzinho, a história de um posseiro que, né? Que, que conseguiu uma luta importante na região. Saluzinho, eu conheci logo que cheguei em Montes Claros o grupo Agreste, era uma banda de música, infelizmente não conseguiu sobreviver, mas gravaram músicas, né, que até hoje muita gente lembra. E nessa banda tinha um percussionista que chamava Zé Chorró, e através do Zé Chorró, conheci num barzinho em Montes Claros, e ele, ele me falou sobre Saluzinho, e eles gravaram uma música sobre Saluzinho. Só que para Saluzinho tava morto, né? Aí ele me contou a história de Saluzinho, Saluzinho tá morto. E aí eu passei a perceber que a reação das pessoas com relação a Saluzinho era, era terrível, né? Para a maioria Saluzinho era um homem muito perigoso, um bandido. Eu lembro-me que as mães até brincavam com os filhos dessa forma: “Ô, meu filho, vai pra dentro” à noite, né? “Sai da rua, sai da rua, que Saluzinho vem aí, Saluzinho vem aí!” Quer dizer, os meninos corriam, né, corriam, quer dizer, transformaram Saluzinho numa figura ruim. Mas eles falaram que Saluzinho tinha morrido, tinha morrido, tinha morrido. Eu conversei com um advogado, Leonardo Campos, que ele até escreveu sobre Saluzinho, ele tinha entrevistado Saluzinho, mas também, não sabia aonde Saluzinho estava se ele tava morto, se estava vivo. E eu nessa, nessa luta para fundar o sindicato de Janaúba que eu descobri Cachoeirinha, Cachoeirinha.

Cachoeirinha teve essa, essa, essas duas expulsões, vamos começar do início então; 64 a grande área de terras que é praticamente ligada ao grande Jaíba, chamado fazenda Arapuá, ela, ela foi, tinha seus proprietários, que se diziam donos dessas terras, que era o Cons...Constantino Cristof. Esse Constantino Cristof vendeu essa área, essa posse tida como dele, para esse, o Manuelito Maciel Salles, que era gerente do banco da Bahia em Montes Claros, era um baiano, e Sebastião, Sebastião Alves, fazendeiro baiano. Vendeu a posse para esses dois cidadãos baianos. Ele, esses dois contrataram o serviço de um advogado, coronel Jorgino Jorge de Souza, era militar, era, era comandante do décimo batalhão da polícia militar de Montes Claros, pra entrar com ação de reintegração de posse contra centenas de famílias de posseiros que viviam nessa área, da fazenda Arapuá, há séculos, né? E essa, essa ação foi proposta em São João da Ponte e quem deu a decisão foi o juiz de paz,

conhecido como Juquinha da Ponte, José Fernandes Aguiar, Juquinha da Ponte, juiz de paz, concedeu uma emissão de posse. Com essa emissão de posse, os próprios fazendeiros contrataram um monte a jagunços, com a polícia destacada pelo Coronel Jorgino, fizeram um estrago, queimaram barracos, né?

ROBSON: Isso em?

LUIZ CHAVES: 64.

ROBSON: 64?

LUIZ CHAVES: 64. O próprio coronel Georgino, tinha acabado de chegar de uma missão que ele, ele não chegou a Brasília levando um destacamento, né? Para Brasília, por ocasião do golpe militar. Ele chegou até, segundo ele mesmo falava, as divisas da Bahia com Goiás, a região de Paracatu, certamente, né? E lá eles retornaram, mas retornou vitorioso da revolução. Então nesse momento em que aconteceu esse, o golpe militar, todos os fazendeiros se alvoroçaram, diziam: “Nós ganhamos a guerra contra os comunistas.” A partir daquele momento todo posseiro virou comunista, todo posseiro virou comunista. Então o Jorgino fez essa reunião, logo que ele chegou de Brasília, na escola, no Grupo Escolar de Cachoeirinha, ele mandou reunir todos os posseiros e deu o recado: “Cês vão sair por bem ou por mal. Essa terra pertence ao cidadão, o cidadão lá.”, e se retirou. Nesse momento os posseiros não, não noticiam que o próprio Jorgino teria comandado a destruição, né? Perseguição, tortura, o saque dos bens, né, dos animais, porcos, galinhas, bois, foram todos saqueados pelos jagunços do Manoelito e do Sebastião. Bom, passado esse primeiro despejo, muitos posseiros retornaram, alguns ficaram escondidos na mata, né? Aí que veio o segundo despejo de 67, onde aí o coronel Jorgino conseguiu uma, uma ordem judicial de Montes Claros, um juiz de Montes Claros concedeu essa ordem de despejo. Aí que o Jorgino foi nesse período teria levado um contingente de policiais, que juntamente com os jagunços fizeram o grande despejo, aí que foi pra valer. Não deixaram um barraco de pé, né? E aí nesse, nesse período a maioria dos posseiros foi para o povoado de Cachoeirinha que fica bem próximo, não sei se vocês conhecem, próximo do Rio Verde. Morando em situações precárias, debaixo de ranchos de palha, tudo, né? Sem ter o que comer, sem recursos, foi quando ocorreu um grande surto de sarampo, que dizimou aí mais de, eles falam em 64 crianças que teriam morrido, já tem outras fontes, o próprio jornal de Montes Claros publicou 56 crianças, né? Mas enfim teve uma grande mortandade de crianças em função desse surto, obviamente causada pela miséria, pela situação precária que eles tavam morando debaixo de

árvore, debaixo de ponte, sem comida, né? Bom, nesse período então que eu cheguei em Cachoeirinha já havia ocorrido todas aquelas mortes dos posseiros, uma das principais lideranças foi o Martinho Fagundes, que pelo que consta, tanto é que, os próprios fazendeiros reconheceram que os posseiros tinham seus direitos que eles propuseram um acordo. À época, os posseiros tinham contratado um advogado, chamado Cassiano, de Brasília de Minas, posteriormente se tornou prefeito da cidade de Brasília de Minas, eles fizeram essa proposta ao advogado, que eles estavam dispostos a doar uma área pra eles. Doar uma área, lá dentro do sertão, desde que eles saíssem da beira do Rio Verde, onde eram, são as terras mais férteis, fossem para o sertão. Esse Martinho Fagundes foi o que liderou a oposição, ele não aceitar aquela área proposta pelos fazendeiros. E ele que se deslocou várias vezes para Belo Horizonte, onde teve contato inclusive com o governador Rondon Pacheco, teria ido até Brasília também, onde conversou com vários deputados, e enviou carta ao Costa e Silva. Algumas fontes informam, os posseiros não, não confirmaram, de que Costa e Silva teria mandado uma comissão investigar a situação deles lá em Cachoeirinha, né? E esse foi assassinado, ele foi assassinado por um pistoleiro em Janaúba, esse pistoleiro foi preso na Bahia, trouxeram para Janaúba, ele não ficou uma semana na cadeia e fugiu, nunca mais ninguém deu notícia dele. Bom, então nesse período que eu cheguei lá, os posseiros estavam praticamente derrotados, não havia nenhum sinal de luta mais, ou seja...

INTERLOCUTOR: O grupo ajudava (Trecho incompreensível) ajudar? Organização, nada, nada?

LUIZ CHAVES: Ninguém, ninguém. Não havia nenhuma organização, não havia nenhum posseiro disposto a liderar a luta ali. Foi quando eu comecei as primeiras reuniões, que eu tomei conhecimento, que eu conheci o Jardel, o Jardel foi importante, o Preto Velho que era o Ossulino, o irmão dele, o... foi uma meia dúzia de posseiros que eu comecei conversando, comecei reunindo, aí foi tomando força. Foi a primeira vez que o sindicato chegou até eles. Foi a primeira vez que a FETAEMG chegou até eles.

INTERLOCUTOR: E qual que era o papel principal da FETAEMG assim, nessas atuações especificamente lá, mas também em outras regiões? Que tipo de assistência?

LUIZ CHAVES: Criar sindicatos.

INTERLOCUTOR: Além da criação do sindicato, assistências...

LUIZ CHAVES: Criar sindicatos, fornecer assistência jurídica. Nós tínhamos um advogado, que era Afrânio Silva, trabalhava comigo, éramos eu e ele na região. Então ele era o advogado, eu era educador sindical. Eu fazia o trabalho de base e ele fazia o trabalho jurídico. Então, começamos a organizar os posseiros, não demorou obviamente, toda aquela, aquela história aflorou, e eles se agruparam novamente. Dali foi fácil você conseguir, né? Esse novo enfrentamento que desaguou na conquista na terra. Mas o interessante é que ali onde eles tinham a melhor terra quem estava localizado era exatamente coronel Jorgino, fazenda Caetité, pomposa fazenda, que ele simulou uma aquisição do Manoelito, na verdade ele ganhou pelo serviço prestado. Fazenda Caetité, logo chegando em Cachoeirinha, à esquerda, casa dele em cima do alto assim pra dominar a região toda. E os posseiros nunca engoliram aquilo ali, né? Então nós iniciamos por começar a invadir exatamente a terra do coronel Jorgino. Tanto é que as terras eram devolutas, do coronel Jorgino, já em 69, solicitou a regularização de sua fazenda, junto a Rural Minas. E essa, essa regularização, essa titulação das terras para o coronel Jorgino, ocorreu assim num... num piscar de olhos, vamos dizer assim. Porque normalmente levaria alguns meses, por ordem do governador Rondon Pacheco, ele determinou à Rural Minas que se fizesse imediata titulação para o glorioso coronel Jorgino Jorge de Souza que acabava de retornar vitorioso, vamos dizer assim, da capital federal, recebeu o título (trecho incompreensível) da Rural Minas. Prova maior de que todas as terras eram, de fato eram terras devolutas.

ROBSON: Vamo só eu te falar um pouquinho então dessa relação entre esse, esse personagem, que ele era um agente do Estado...

LUIZ CHAVES: Público.

ROBSON: Público. Ele era um coronel do exército?

LUIZ CHAVES: Não, Polícia Militar.

ROBSON: Da Polícia Militar de Minas Gerais?

LUIZ CHAVES: É.

ROBSON: Mas exercia atividade privadas?

LUIZ CHAVES: Advocacia.

ROBSON: E utilizava inclusive contingentes da polícia para...

LUIZ CHAVES: Própria função para, é.

ROBSON: Para esse tipo de atividade?

LUIZ CHAVES: É, defender os seus interesses, foi isso que ocorreu.

ROBSON: E a gente tem, por exemplo, algum tipo de documentação que pode, por exemplo, que poderia nos ajudar nessa comprovação? Quer dizer, que na verdade tem um agente público que utiliza de aparato estatal para benefícios privados e discricionários, assim? Você saberia dizer?

LUIZ CHAVES: Isso existe, em todos os documentos consta, né? Que ele era ao mesmo tempo, comandante no 10º Batalhão e advogado. Ocorre que a defesa dele teve vários inquéritos inclusive, né? Um inquérito que se investigou exatamente essa participação dele, que foi conduzido pelo delegado Otacílio Menezes Sia, do DOPS. É o mesmo delegado que conseguiu tirar o Saluzinho da toca. Otacílio Menezes Sia. E o Tacir inocentou o Jorgino Jorge de Souza, pelo seu relatório, né? Dizendo que ele cumpriu um mandato judicial, de fato existiu um mandato de ordem judicial, que o mandato requisitava a força policial pra fazer o despejo, então de certo modo ele estava resguardado com essa documentação toda expedida pela própria justiça. Mas eu te pergunto, claro que eticamente não existe (trecho incompreensível).

LUIZ CHAVES: Claro, mas o primeiro, a primeira, o primeiro mandado foi de um juiz de paz?

ROBSON: De paz.

LUIZ CHAVES: Ele, ele, segundo o direito, ele tinha essa?

ROBSON: Tinha, à época, existia, mas é bem controverso, mas a maioria dos juízes entendem que havia essa possibilidade, né? Antes da constituição de 88, assim como existia o delegado. O delegado da DOC era chamado delegado Calça Curta, né? Então o delegado mandava prender, mandava soltar, e assim também o juiz de paz tinha também a autonomia, vamos dizer assim, a competência pra expedir determinados atos até de reintegração de posse.

INTERLOCUTOR: Então esse juiz de paz, de algum modo, também era um agente interessado, né? Um agente que teria relações com o Estado em benefício...

LUIZ CHAVES: A gente... não existe, não existe, obviamente, registro, mas com certeza esses fazendeiros, um já que era até gerente de banco, ele deve ter molhado a mão desses juízes de paz por muitas vezes, né? E os demais, também, claro que um ato desse não passa... até hoje nós estamos vendo, né? O que acontece no nosso país, imagina naquele tempo.

ROBSON: Você começou a falar sobre como você conheceu o Saluzinho e não terminou a história, porque nós, nós entramos com a pergunta, que (trecho incompreensível).

LUIZ CHAVES: Bom, Saluzinho, então, eu, eu tendo contato com esse pessoal do grupo Agreste, eles já tinham feito músicas sobre Saluzinho, e falava que Saluzinho estava morto. Era um mito, era um mito, né? Em contato com esse advogado Leonardo Campos, ele me falou que Saluzinho estava vivo, mas ele não sabia onde. E lá em Cachoeirinha então que eu fui perguntar sobre Saluzinho, todo mundo dava notícia dele, tinha ele como um verdadeiro herói porque ele tinha enfrentado sozinho um batalhão da polícia, né? Eu saí rodando, levei muitos dias, até meses procurando, cada um informava “Saluzinho tá pro lado de Januária, Saluzinho tá pro lado de Manga, Saluzinho tá pro lado da Bahia, Saluzinho tá pro lado de não sei aonde.”, eu fui, eu fui rodando, Até que consegui um dia ir em Itacarambi, numa, na luta dos Xacriabá, me informaram sobre Saluzinho, que Saluzinho morava no Fabião. Fabião fica exatamente hoje onde é o parque Peruaçu, eu chegando no Fabião, num barzinho de beira de estrada, aquele monte de cachaceiro bebendo ali, tinha um totalmente bêbado, e eu perguntei assim... me apresentei até como jornalista, queria fazer uma entrevista com um cidadão chamado Saluzinho. Ninguém conhecia Saluzinho. Havia ali uma certa proteção a ele, né? Ninguém queria dizer onde ele estava com medo de que fosse um cara da polícia, procurando Saluzinho. E eu insisti que eu era, que eu queria registrar a história dele, e aquela coisa toda. Enquanto eu estou falando com o dono do boteco, o bêbado que estava sentado num saco de feijão lá, falou: “Eu sei onde o Saluzinho está.” Aí ele, aí eu me voltei totalmente pra ele, e eu percebi que os demais não gostaram da atitude dele, né? Mas eu cheguei junto, fui conversando, ali. E ele, queria ver se ele tava disposto a me levar até onde estava Saluzinho, de certo, que eu até gratificava ele, aí ele se dispôs a ir, mas tava muito bêbado. Aí eu tinha um Fiatzinho, 147. pegamos uma estrada em direção às cavernas de Peruaçu, estrada muito íngreme, ruim... chegamos até onde deu pra ir o Fiat. Aí deixamos o Fiat e seguimos a pé, logo adiante deparamos com um alambique. Aí chegamos no alambique, ofereceu uma bela cachaça pra ele, ele tomou na cuia mesmo, tomou e tomou. Seguimos a pé, ele foi até uma altura e falou assim: “Daqui eu não vou mais, não.”, pô, mas o quê que ele, “Daqui eu não vou mais.” E ele, ele tinha um facão na cintura interessante, que eu tava morrendo de medo, porque quando ele falava: “Daqui eu não vou mais.”, ele botava a mão no facão, eu achava que ele ia puxar o facão pra mim, né? Eu tentava conversar e toda vez, botava a mão no facão. Aí insisti com ele, ele me mostrou “Ó, é pra ali, é pra ali, ó.” aí eu fui andando. Deixei lá, na beira de uma bela fonte de água, daquela água de Peruaçu, onde o rio esconde, passa por baixo da

rocha, depois brota; ficou exatamente numa daquelas aguadas dali. Encontrei um ranchinho na beira de um, exatamente numa, numa cava de rocha assim como uma entrada, lá dentro um ranchinho. Gritei por Saluzinho e ninguém... de repente uma senhora abriu a porta, morrendo de medo também, querendo saber quem eu era, quem eu era, Saluzinho num tava. E eu insisti com ela, insisti, insisti, tava lá dentro do barraco. Até que ele apareceu de dentro do barraco. Aí eu sentei lá, fiz uma longa entrevista com ele, e posteriormente, eu trouxe ele pra Montes Claros, apresentei ele à cidade de Montes Claros, o jornal, o jornal do Norte fez uma bela cobertura, diz que acharam que Saluzinho tinha morrido e foi muito bonito o contato com Saluzinho, foi homenageado na câmara municipal, e eu rodei com ele, eu fiz vários encontros dos trabalhadores com ele, levei até Unaí, eu levei ele. Toda vez que eu fazia uma reunião com trabalhador levava Saluzinho. Foi bastante conhecido aí, nessa época.

ROBSON: E ele continuou morando nesse local?

LUIZ CHAVES: Ele estava naquele local, a função dele era retirar madeiras, do serrado mesmo, postes, moleirões de cerca, e vendia pra fazendeiros, era o ganha pão dele. Ele tirava madeiras pra fazer cercas, mas numa absoluta miséria, numa miséria absoluta. Aí depois desse contato todo, ele, o fazendeiro lá de Itacarambi, ofereceu serviço pra ele. Ele foi pra lá, bem próximo da área indígena, e acabou morrendo lá... nessa fazenda ele morreu trabalhando de empregado. Não teve a sorte de conquistar um pedacinho de terra, uma luta que ele fez durante um tempo. Mas aí vem história dele, que é longa, que eu acho que não compensa contar, né? Ele, a história contada por ele mesmo, que eu gravei e que escrevi, foi toda a história que ele contou da vida dele como que foi. Como que foi o enfrentamento com a polícia, quantos dias ele ficou na gruta, né? Tudo isso está...

INTERLOCUTOR: Ele chegou a contar pro senhor o que houve com a esposa e com os filhos dele, depois que ele foi preso? Se houve algum tipo de violação?

LUIZ CHAVES: Pois é, ele nesse, nesse, eu conheci um filho dele, um filho dele estava, estava com ele, o outro filho ele fala que morreu, assim como a esposa dele morreu. E ele não teve dor de falar que a esposa dele morreu jovem, com 42 anos de idade, a Lúcia, morreu em função das torturas que sofreu, e deu até o nome do médico, Doutor Pedro, Pedro Santos, de Januária, que teria atendido ela antes de falecer, e teria constatado que ela teve ferimentos graves em função da tortura na casa dela. E o outro filho morreu, ele não soube dizer porque que morreu, mas parece que ele morreu enquanto ele tava preso ainda aqui em Belo Horizonte, no DOPS. Enfim...

INTERLOCUTOR: Cê lembra o nome do filho?

LUIZ CHAVES: Não, eu posso até ter, ter gravado.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível) tá guardando?

LUIZ CHAVES: Eu até falei pra você, eu tenho muitas fitas que eu gravei, naqueles cassetes, só que, aí quando eu fui olhar tá tudo mofado, tudo colado, não consegui recuperar, mas tava tudo gravado, muitas horas de gravação.

INTERLOCUTOR: Não tem nenhuma transcrição, também, né?

LUIZ CHAVES: Muito pouco, muito pouco, entendeu? Muito pouco. O que eu pude transcrever. E aí eu acabei registrando mais aquilo que eu lembrava, aquilo que ele falou, né? Mas aí a história dele, eu posso contar mais rapidinho, abreviando?

ROBSON: Claro, claro. Nós estamos todos... cê quer que eu pegue um pouquinho de água?

LUIZ CHAVES: Não, não, eu acabei de beber. O que, que nós registramos, contada por ele, ele nasceu ali na região de, chama-se Limoeiro, o lugar, município de Varzelândia, com 16 anos ele foi pra o Paraná em busca de terras. Havia muita propaganda de terra no norte do Paraná, aquela região de Londrina, terras devolutas, terras férteis, terras baratas, né? E ele se, acabou parando no município de Luanda, ali próximo ali de Londrina. Conseguiu uma posse, e segundo ele, ele foi quatro anos que ele estava lá, já tinha conse... casou, arrumou uma mulher, primeira mulher dele, Dona Deolinda. E aí ele teve um filho com ela, e foi perturbado por um fazendeiro lá que reivindicou as terras dele. E ele entrou, fez um enfrentamento com esse fazendeiro. E no momento em que ele foi pra ser despejado, com Polícia Militar e jagunços, segundo ele. Ele atirou, ele resistiu, atirou, acertou um policial, acertou um jagunço. Aí foi preso, ficou detido na cadeia de Luanda durante 4 anos, quando ele saiu da cadeia não achou a mulher mais, e nem o filho. Ninguém mais deu notícia deles. Obviamente destruíram o barraco, destruíram tudo, e não localizou mais, aí voltou pra Minas Gerais. Quando ele voltou, isso em 1964... 64, 65, ele foi pra posse do pai dele, onde ele morava, que a região de, chama-se hoje Campo Redondo, município de Varzelândia, essa posse estava praticamente nas, no domínio do fazendeiro Osvaldo Antunes, à época era dono do Jornal Montes Claros. E o Osvaldo Antunes estava numa campanha pra retirar os posseiros de toda região que eram comunista, uma campanha forte contra os comunistas que tavam lá. E Saluzinho imediatamente assumiu as dores dos companheiros, conhecidos, muitos conhecidos dele, liderou, ele liderou uma resistência ali. Com isso Osvaldo Antunes contratou a

Polícia Militar de Montes Claros pra fazer o despejo de Saluzinho, tanto é que a patrulha de Montes Claros veio pra fazer o despejo de Saluzinho, à paisana, com jagunços, né? Todos como jagunços, chegaram no barraco de Saluzinho, chegaram atirando, conforme a história que ele conta. Chegaram atirando, né? E ele tinha uma garrucha atrás da porta, que ele mesmo fala que quando ele abriu a porta, que eles atiraram, ele se defendeu se jogando atrás da porta e bateu a mão na garrucha e respondeu. E acertou exatamente o cabo Luiz Barral, que era contratado pelo Osvaldo Antunes. Acertou o Barral, no braço e o revólver dele caiu. Ele e os cavalos, segundo ele, assustados, saíram debandados, ele passou a mão no revólver do Barral e atirou e acertou um jagunço nas costas, o João Brejeiro, que era jagunço do Osvaldo Antunes. Então ele baleou dois. Bom, e aí ele já esperava pelo pior, né? Quer dizer, agora, eles vão voltar. E de fato voltaram. Ele já percebendo que eles iriam voltar ele pegou a garrucha dele, o revólver que tinha duas balas ainda, e a cabaça d'água, e levou pra dentro de uma gruta próximo à casa dele, se escondeu na gruta. 24 horas depois veio o bando todo, o reforço policial mais reforço de jagunço pra pegar o homem. E não achando ele em casa, começaram a torturar todo mundo, bater, espancaram posseiros, né? Torturaram muito a mulher dele, os meninos, dois filhos pequenos ainda estavam comendo, sentados no chão, comendo feijão e arroz, eles espalhavam areia na comida, pros menino comer, pra contar onde é que tava o pai escondido. E a Dona Dúlcia, que é a segunda esposa dele então, não quis falar, mediante aquela tortura toda, uma das vizinhas não aguentou e falou: "Não, ele tá na gruta ali.", aí foram pra lá. Aí começou aquela, aquela resistência toda dentro da gruta. Se ocê pegar recortes de jornais ainda hoje, eles falam que a polícia gastou uma fortuna só em armamento e bombas de gás, transporte de gasolina, combustível, pra soltar na gruta. Então eles derramavam tambores grandes de gasolina dentro da gruta, eles tocavam fogo, pra ver se Saluzinho saía. Soltavam bomba de gás dentro da gruta aos montes, né? E Saluzinho resistia, resistiu segundo ele deitado no chão, com o nariz encostado no chão. Tanto assim quando ele saiu ele tá totalmente chamuscado de fumaça, só vê o olho dele, assim, ó, parece até carvão puro de tanta fumaça que ele recebeu lá dentro. Bom, mas ali ele resistindo, e o pessoal atirando, largavam bomba, dinamite na boca da gruta, pra ver se tampava a gruta, porque os policias gritavam; "Vamos enterrá-lo vivo, dali não sai, vamo deixar aí, mesmo." Aí dinamite na boca da gruta pra, pra poder, né? Selar esse, esse cara que estava lá dentro. Mas vendo que ele não, não morria, porque vez em quando, ele respondia com tiro de

garrucha, a notícia se espalhou. E começou a chegar jornalistas até da Folha de São Paulo, e Varzelândia ficou tomada de jornalista em Belo Horizonte e tudo, porque a notícia se espalhou. E foi a salvação dele. Porque aí Secretaria de Segurança deslocou também uma equipe liderados pelo, pelo delegado Darci Menezes Sia, que era do DOPS. E ele chegou, esse delegado, lá pra fazer o Saluzinho sair da gruta. Mas antes disso, é interessante, que o comando estava com o tenente Portela. Esse tenente Portela é sediado na comarca de Manga. Ele, ele achando que Saluzinho já tinha morrido, porque ficou, segundo ele, mais de um dia sem, sem responder com qualquer disparo, ele foi entrar na gruta por uma fenda que havia por cima, por trás da gruta, né? E quando ele estava entrando na gruta, Saluzinho acertou ele no papo, um tiro de garrucha. Deixou ele aleijado, né? E aí era, já era então o segundo policial Saluzinho acertou e mais o João Brejeiro. Aí eles revidaram com muito mais bombas, e bombas, e bombas, foi quando chegou, no sexto dia, chegou o comando liderado pelo, pelo delegado Darci Menezes. Lá na região, segundo relatos, havia um acampamento de centenas de policiais. Era um aparato de guerra, metralhadoras de grande porte, daquelas de cavalete, né? Mirando pra gruta toda. E aí o Darci levou um megafone

e começou a falar com Saluzinho pra ele sair que ele estava ali pra salvar a vida dele. E Saluzinho mesmo fala, que ele só saiu quando ele falou que o governo tinha mandado. Ele, o Saluzinho acreditava muito no governo, ele acreditava que o próprio Costa e Silva, queria fazer a reforma agrária e quem não deixava eram os fazendeiros, né? E ele já havia inclusive mandado carta, ele dizia que mandava carta pro presidente da república, que era pra ele mandar um armamento pra ele que ele ajudava a fazer a reforma agrária. Era aquela ilusão. Mas ele acreditava na palavra do governo, então quando Darci se referiu: “Estou aqui em nome do governo pra salvar sua vida.”, foi que ele decidiu se entregar. Também ele não tinha mais como, segundo ele, morria de sede já, porque a cabaça dele foi a primeira a ser destruída pelos tiros, pelas dinamite, né? Quebrou a cabacinha de água, ele ficou sem nada. Ele saiu da gruta, um médico da Polícia Militar estava lá, o médico, esqueci o nome dele, foi imediatamente fazer uma, averiguar, verificar a situação de saúde dele, diz que o médico não conseguiu nem se aproximar do Saluzinho, tamanho era o cheiro de gás que exalava do corpo dele. Exalava gás pra todo lado. Depois feito exame, ele teria brincado ainda, ele falou assim: “Esse homem aguenta mais uma semana dentro dessa gruta.” aí desfilaram, pegaram Saluzinho, colocaram num caminhão aberto,

desfilaram pela cidade de Varzelândia, em direção a Montes Claros, como um trunfo, né? E chegou em Montes Claros com a Polícia Militar soltando foguete, falando que tinha apreendido o maior bandido já na história do norte de Minas, Saluzinho. Uma figura raquítica, pequena estatura, magrinho, né? Impressionante. E aí começou a longa história dele dentro da prisão. De cara ele foi entrevistado dentro do batalhão de Montes Claros. Uma longa entrevista feita pelo promotor de justiça, de lá era pra ele ter ficado numa prisão, ou em Manga ou em Januária, ninguém quis recebê-lo, porque, entre aspas, era um bandido muito perigoso. Quer dizer, os delegados não queriam saber de Saluzinho na cidade, foi daí que ele veio para Belo Horizonte, acabou ficando preso aqui no DOPS juntamente com os presos políticos, né? Que foi uma grande lição pra ele. Ele... toda vez que ele falava no, nas pessoas com quem ele conviveu dentro da cadeia aqui em BH, ele derramava lágrimas. Ele prendeu a ler dentro da cadeia, ensinaram ele ler, liam para ele, né? E ele, ele sempre falava do Grande Sertão, Guimarães Rosa. Foi o livro que eles teriam lido pra ele, e ele obviamente, ele não conhecendo a história de Guimarães Rosa, ele se sentiu o próprio personagem do Guimarães Rosa, porque ele era da região, né? Então era muito interessante essa convivência. E um momento triste que ele fala, quando soltaram os presos políticos aqui, naquela negociação que teve com, em razão do sequestro do embaixador, né? Eles libertaram todos os companheiros dele, e ele ficou sozinho na cadeia. Aí ele não sabia o motivo, porque os outros tinham saído, e ele tava lá. Esse foi um momento muito triste pra ele. Mas enfim, depois teve o próprio pessoal que saiu, ingressou com o habeas corpus em favor dele, né?

INTERLOCUTOR: Ele chegou a ser julgado na justiça comum?

LUIZ CHAVES: Não, nunca foi julgado.

INTERLOCUTOR: Nunca foi julgado?

LUIZ CHAVES: Passou por várias cadeias, nunca foi julgado. Posteriormente foi preso novamente, porque ele acabou se envolvendo em outro conflito de terra em Itacarambi. Itacarambi. Ele ao sair da cadeia, então, a esposa dele tinha morrido, ele foi, perdeu a terra, o Osvaldo Antunes se apropriou das terras todas dele, ele foi pra Itacarambi onde conseguiu uma roça, e o fazendeiro plantando essa roça, apareceu lá um jagunço também, que quis tomar a plantação dele, a plantação dele. E mais uma vez ele enfrentou esse jagunço, atirou e acertou, acertou ele. Acertou, acertou no braço, sei lá. Aí vem a polícia, prende Saluzinho de novo. Levou pra Januária, aí ficou preso em Januária, praticamente incomunicável, até o momento em que um advogado

foi lá pra defender um cliente, e viu Saluzinho dentro da cadeia. E acabou então entrando com habeas corpus, libertou Saluzinho de novo. Foi nessa saída da cadeia que ele foi pra essa gruta lá de Itacarambi, na região ali do Fabião, o Fabião Mas é uma história interessante, sabe?

INTERLOCUTOR: Senhor Luiz, e sobre a região dos Jaíba, o quê que o senhor se recorda?

LUIZ CHAVES: Jaíba... essa fazenda Arapuá, Cachoeirinha, é tudo a mesma região praticamente. Uma vasta região de terras férteis, terras devolutas, à época, né? E o quê que tem de novo ali é o projeto Jaíba com o projeto do governo do Estado, planejado para produzir culturas irrigadas, né? Uma região totalmente ocupada por posseiros, que desde os anos 50, pelo que eles falam, haviam os ficiais de terras do Estado, né? Diz que dois, dois, o João Dital e o Cassimiro, dois ficiais de terras. Ficiais também tinham a missão de medir terras pro estado intitular. Então os ficiais mesmo falavam: “Essa terra é toda do governo, é toda terra devoluta.” Aí vinha posseiro de todo lado pra se apropriar de um pedaço de chão. Quando o governo implantou o projeto Jaíba, o quê que o governo fez, ele doou as terras para a Rural Minas, assim como fez em outras regiões também. A Rural Minas recebeu do governo do Estado as terras, num perímetro aleatório, vamos dizer assim. Normalmente eles tiravam o perímetro por voo aéreo, então sobrevoavam a região, marcava-se alguns pontos pelo GPS da aeronave, e tudo que estava ali dentro era da Rural Minas. O governo transferia a propriedade, a Rural Minas era uma fundação. E aí o que acontece? Eles chegavam e retiravam os posseiros todos, em nome de que ali eles iam fazer um projeto de colonização. Primeiro... a primeira... primeiro contato...

INTERLOCUTOR: A Rural Minas mesmo que tirava?

LUIZ CHAVES: A própria Rural Minas. Primeiro contato era seguinte, nós vamos regularizar essas terras pra fazer um projeto dirigido, chamava-se Projeto Dirigido de Assentamento, e vocês vão ficar classificados, primeiro fazia-se a ficha, né? Nós vamos selecionar as famílias para serem assentadas, e obviamente prometiam pra todo mundo: “Cês podem sair que depois nós vamos chamar de volta, vamos construir a casa, vamos fazer isso, fazer estrutura, né? Trazer a água.” E isso nunca acontecia, obviamente, todas as terras, na medida que iam sendo regularizadas iam sendo transferidas para grandes proprietários, grandes produtores. O mesmo ocorreu com a área ali da, no perímetro do irrigado de Janaúba, Bico da Pedra, comandado pela CODEVASF. Na construção da barragem, que praticamente todo o lago fica no

município de Porteirinha, foram retirados mais de 200 posseiros e pequenos produtores, com a promessa de serem assentados na parte de baixo. Feita essa, esse despejo todo, começou-se o outro despejo nas duas margens do rio Gorutuba, margem direita e margem esquerda do Gorutuba fazer o projeto de irrigação. Mas uma centena de famílias foram expulsas de sua terra pela CODEVASF. Lembro muito bem de uma advogada, uma negra, chamada Doutora Zoé. A Doutora Zoé comparecia pessoalmente com alguns capangas, casa em casa, ameaçando os posseiros, falando que tinha até tal dia pra retirar seus pertences e sair de lá. Doutora Zoé.

INTERLOCUTOR: E ela era da CODEVASF?

LUIZ CHAVES: Advogada da CODEVASF, e o diretor da CODEVASF era Roberto Amaral. Lembro-me também que a gente insistia pra marcar uma reunião com ele, jamais ele recebeu qualquer delegação nossa, qualquer reivindicação dos trabalhadores. Então projetos oficiais comandados pelo governo, expulsando os posseiros com a promessa de reassentar. Na verdade, hoje, tanto a Jaíba, Jaíba só tem empresário, hoje, produzindo, o maior perímetro de irrigação da América Latina. E Janaúba, projeto também que era pra se beneficiar esses posseiros que foram retirados da terra, só tem empresários plantando na área irrigada. Então, expulsão oficial dos trabalhadores.

ROBSON: Nós temos como fazer alguma relação entre período da ditadura, essas empresas estatais e uma facilitação pra esse tipo de ação? Quer dizer, aquele período ajudou que essas arbitrariedades elas pudessem ser cometidas com muito mais intensidade? Você vê alguma relação?

LUIZ CHAVES: Claro.

ROBSON: Ou seja...

LUIZ CHAVES: Não, total. Como te falei no início, a partir de 64 já era o combate contra o comunismo, todo posseiro era um potencial comunista.

ROBSON: Potencial, tinha políticas de estado, através de políticas...

LUIZ CHAVES: Políticas de estado. O outro grande exemplo, além desses dois projetos que eu citei, e tem outros, o própria, o reflorestamento do norte de Minas, que coincidentemente, no período em que eu cheguei lá, a partir de 81, começou a chegar as grandes empresas reflorestadoras da região. Maioria delas vindo do centro-sul do país, São Paulo, Paraná. Essas empresas que foram que recebiam as terras da Rural Minas. A Rural Minas fazia um contrato com a empresa, contrato de mesa aqui, arrendando tantos mil hectares no município de Grão Mogol. O quê que a empresa

fazia? A empresa que tinha que ir lá e fazer o levantamento da terra. Então a empresa ia lá e escolhia, como eu te falei, de sobrevoo, escolhia uma determinada região e falou: “Esse é o perímetro que nós queremos plantar.”, por isso por quê? Porque a Rural Minas sabia que aquela área era toda devoluta, ela pertencia ao Estado. No entanto lá estava cheio de posseiros, há anos, há muito tempo. E o quê que a empresa fazia? Uma vez então com o contrato assinado pelo Governo, pela Rural Minas, ela chegava em cada um deles falou: “Essa terra aqui é minha, tá aqui, ó. Acabei de assinar com o Governo, com a Rural Minas, portanto, rua!” Esses absurdos ocorreram em todos os municípios da região.

ROBSON: E inclusive...

LUIZ CHAVES: Milhares de posseiros...

ROBSON: Forças públicas eram utilizadas pra fazer essas...

LUIZ CHAVES: Constantemente. A Polícia Militar ela era usada no primeiro momento, era a Polícia Militar que fazia o primeiro contato com esses posseiros, fala: “Olha, essas terras aqui pertencem à empresa tal, o Governo transferiu essas terras pra empresa tal, cês tem que sair daqui.” Bom, era a Polícia Militar que fazia esse primeiro, bate palmas e assina. E depois, depois vinha o quê? Correntão. Correntão, sem dó nem piedade. A maior parte das terras foram, maior parte do cerrado do norte de Minas foi destruído pelo Correntão. Então, Correntões que vinham, os posseiros quando escutavam o barulho das máquinas, já tentavam recolher o que podiam, de animais, de galinhas, pertences, a corrente vinha, vinha arrebatando tudo, casebre, plantação, pé de manga, tudo, tudo, tudo... virava de raiz pra cima, tá? Em seguida feita essa derrubada com Correntão, chegava e tocava fogo no barraco pra não deixar vestígio nenhum. Tocava-se fogo no barraco. Foram feitos horrores, com o quê? Com a participação do Governo, ou no mínimo o Governo falando assim: “Não temos nada com isso.”, aliás tem cláusulas nos contratos.

INTERLOCUTOR: Omissão, né?

LUIZ CHAVES: Tem cláusula, tem cláusula contratual que fala: “Eventuais posseiros encontrados na área é de responsável única da empresa contratante.”, quer dizer então, o estado lava as mãos.

ROBSON: E da... e autorizava a empresa a executar o serviço?

LUIZ CHAVES: A fazer o que bem quisesse. E não era só isso, veja bem, se você pegar a maior parte dos contratos de arrendamentos que o Estado fez, o Estado contratava portanto, vamos supor 20 mil hectares, no município de Rio Pardo de Minas, a empresa ela pegava perímetros em mil, e em seguida aumentando para 30 mil, para 40 mil, sabendo que tudo era terra devoluta, e cada área dessa, posseiro que tivesse em cima foram retirados. Eu acompanhei um conflito desse bastante sério, aqui, fazenda Alagadiço, em Minas Novas, ali foi com a Acesita.

INTERLOCUTOR: E esses do norte de Minas, o senhor lembra do nome das empresas?

LUIZ CHAVES: Lembro.. Várias empresas. A mais sanguinária certamente, ela chama-se Floresta Minas, tá? Reflorestamento de Minas Gerais, foi a que mais expulsou posseiro, que mais crueldade fez com posseiro, que num tinha dó nem piedade.

INTERLOCUTOR: E nesse espaço (trecho incompreensível).

LUIZ CHAVES: Tanto contra os posseiros como contra o meio ambiente também, não respeitou vereda, não respeitou nada, milhares de veredas foram, sucumbiram ante as máquinas, né? E até tem casos que trator, dois tratores deles despencaram num penhasco. Porque vê sabe que no norte de Minas tem aquele platô, né? Um platô, aqueles chapadões, depois vem aquele corte, exatamente naquele corte onde existem muitos posseiros que vivem naquelas fendas porque ali tem água, ali corre água. E o quê que eles faziam? A lei dizia que eles tinham que deixar uma certa metragem para a proteção daquele penhasco, eles não podiam cortar a terra até a beira daquele penhasco, deixar no mínimo 30 metros para proteção daquelas nascentes. Desde o, do Código Florestal de 67, né? Eles não respeitaram. Eles vinham com as máquinas até onde podiam, com isso dois tratores de esteira tombaram do penhasco, e seus ocupantes morreram. E o quê que eles faziam? O quê que a Floresta Minas fazia ainda? Pra que nenhum posseiro ficasse dentro daquelas fendas, eles iam lá e cortavam todos os pés de pequi... pequi, mangaba, coco, que fornecia alimento pra esse pessoal, quer dizer, a possibilidade desse pessoal sobreviver estava exatamente na própria natureza. Eles cortavam pra não ter uma fonte de sobrevivência ali. E com

o desmatamento até a orla daquelas, daqueles platôs, primeira chuva levava a terra toda pra dentro do córrego, pra dentro das nascentes, acabou entupindo toda essa água e de fato inviabilizando a vida de qualquer ali dentro. Então através desse trabalho eles conseguiram também expulsar milhares de famílias.

INTERLOCUTOR: Isso acontecia só no norte de Minas ou no estado inteiro o procedimento era parecido?

LUIZ CHAVES: Era no norte de Minas apenas, porque foi a única região do estado que possuía terras devolutas e decidiu destinar pra plantação de eucalipto. Obviamente eucalipto existe no estado inteiro, mas todos em terras particulares já, né? Mas essa ação...

INTERLOCUTOR: Cê se lembra de outras empresas?

LUIZ CHAVES: Plantasete, outra empresa que também...

INTERLOCUTOR: Plantasete, o número, ou esse é...?

LUIZ CHAVES: Plantasete Reflorestamento S.A. Essa maior que eu te falei é só no município de São João do Paraíso, a Floresta Minas, em São João do Paraíso. E Rio Pardo de Minas, ela se apropriou de mais de 70 mil hectares de terras públicas. A Plantasete se apropriou de terras públicas na região de Taiobeiras, e Fruta de Leite, parte de Salinas, né? A Plantasete. Depois, a Acesita, uma das grandes reflorestadoras também, se apropriou de muitas terras públicas, foi aliás a maior contratação de terras públicas feita no estado de Minas Gerais, foi feito pela Acesita. Na região de Minas Novas, Capelinha, Berilo, e essa, esse conflito por quê? Por quê que veio à tona? Maioria, 99% dessas expulsões ocorrendo sem, sem a grita, né, sem uma luta de defesa, porque ocorria o, os posseiros dispersos, sem nenhuma organização, sem nenhuma associação, sem nenhum sindicato pra defendê-los, então ninguém ousava enfrentar o poder das máquinas, tendo por trás o governo. Quer dizer, o governo, quem quer enfrentar o governo? Né? Mas aqui deu esse choque porque era uma comunidade constituída, (trecho incompreensível) um quilombo hoje.

ROBSON: E Minas Novas?

LUIZ CHAVES: Minas Novas, Fazenda Alagadiço foi reconhecido como quilombo do Alagadiço. Em função disso essa luta veio à tona, e a Acesita então não conseguiu expulsá-los da terra. Posteriormente, esses colonos foram regularizados, foi o primeiro quilombo regularizado em terras públicas em Minas Gerais, quilombo de Fazenda Alagadiço.

INTERLOCUTOR: Pra ter acesso a um processo, por exemplo, dessa disponibilização de terra pra essas empresas, seria na Rural Minas? Qual que era a fonte principal que a gente (trecho incompreensível) um exemplo.

LUIZ CHAVES: O arquivo da Rural Minas, a Rural Minas acabou, né? Felizmente, ela já era pra ter acabado há não sei quanto tempo. E todo arquivo fundiário da Rural Minas, ele ficava ali próximo da Ceasa. Tem uma área ali que era chamada área da Rural Minas, e lá, enorme aquele fundiário. Só que nós vimos há pouco tempo, quando o secretário Manuel Costa, do Instituto de Terras, tinha a incumbência de fazer a legitimação de terras, começou a passar a mão em terras públicas, que a polícia descobriu, ocorreu um incêndio lá nesse arquivo. Ocorreu um incêndio, não sei o quê que foi destruído, mas certamente muita coisa foi destruída nesse incêndio lá no arquivo da Rural Minas, em Contagem, né?

INTERLOCUTOR: Senhor Luiz, sobre essa violência no campo, tem um, algum caso que o senhor gostaria de deixar registrado, ou de assassinato de posseiro, ou de alguma violência que marcou a história do senhor, lá no norte de Minas?

LUIZ CHAVES: Eu acho que o que me marcou mais foi, foi a morte do Elói, Elói Ferreira da Silva, né? Porque o Elói era um companheiro, eu por exemplo, como eu tinha a missão de fundar sindicatos, eu levava Elói comigo. Elói era um grande exemplo. Posseiro, consciente, extremamente religioso, confiante na luta, e pai de família, quer dizer, era um homem exemplar. Então eu levava ele, maioria dos sindicatos que eu fundei na região foi juntamente com Elói Ferreira da Silva. Então ele vinha de São Francisco pra Montes Carlos, eu pegava ele e colocava no carro, e a gente rodava, ficava até meses fora. E essa mesma luta ele fazia na região lá. Na região lá teve também um dos mais sangrentos conflitos, que é o da fazenda Menino. Já ouviram falar da fazenda Menino, né?

INTERLOCUTOR: Uhum, Em Arinos, né? Fazenda Menino.

LUIZ CHAVES: Ela abrange 4 municípios.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) municípios.

LUIZ CHAVES: Mas a origem dela também parte do Estado. Veja bem, 1910 o Estado destinou uma área, 10 mil hectares, a um alemão, chamava-se Felipe Hamdeback, pra fazer um criatório de caprino, no município de Paracatu. E esse alemão em 1950 e poucos acabou vendendo essas terras para um outro alemão, se eu não me engano Max Hermman, ambos do Rio de Janeiro. E aí o que acontece, quando ele vendeu essa terra de 10 mil já estava mais 80 mil. Por sua vez, esse, o Max Hermman, eu

estive, inclusive, no Rio de Janeiro junto com Elói negociando com ele, em 82, 83. E ele vendeu para ref... uma empresa chamava-se CAUSA, Companhia de Assentamento e Urbanização S/A - CAUSA. Quando ele vendeu já tava mais de 100 mil hectares. Só que sendo 10 mil, 100 mil, 200 mil, como já acabou sendo depois, era totalmente tomado por posseiros. E um dos grandes fazendeiros grileiros dessa serra era o Antônio Luciano. Antônio Luciano, que vocês devem conhecer ou conhecem pelo menos a história dele, né? E esse Antônio Luciano. Ali a gente percorria aquela região, juntamente com Elói, montado a cavalo, não ia carro nenhum, e eu lembro de um episódio, inclusive o Antônio Luciano, à beira do Urucuia, ele pra expulsar umas dezenas de famílias de posseiros de terras férteis na beira do Urucuia, ele tentou desviar o rio. Como ele fez aqui, né, em São Domingo do Prata, né? Desviou o São Francisco aqui. Ele desviou o rio Urucuia, e nós que impedimos ele de fazer, concluir o serviço, faltavam alguns, alguns metros pra ele concluir a vala que ele tinha abrindo com trator, lembro com tratores, pra desviar o rio, quando nós interferimos aí travamos uma batalha enorme.

INTERLOCUTOR: Nós, é você, o Elói, e tinha mais alguém?

LUIZ CHAVES: Eu, o Elói e o Afrânio.

INTERLOCUTOR: O Afrânio?

LUIZ CHAVES: Silva, que era o advogado.

INTERLOCUTOR: Da FETAEMG?

LUIZ CHAVES: Lembro-me que pra ir até lá, era, o pessoal morria de medo do Luciano. O Elói tinha acabado de assumir a presidência do sindicato de São Francisco, o presidente anterior era o Marcelino, Marcelino dos Santos. O Marcelino tinha medo demais, e nós marcamos uma ida pra ir até lá nos posseiros, tinha que passar por dentro das terras do Luciano, né? E ele não foi de jeito nenhum de medo, porque a gente ia ser atacado pelos jagunços ou uma emboscada, de certo, ele não foi. E nós fomos. O Elói era muito corajoso também, né? Muito confiante. Nós armamos, garrucha, tudo o que a gente tinha, né? Levamos um monte de gente também numa Veraneio velha, e atravessamos a fazenda do Luciano e chegamos lá nos posseiros. Mas nessa época, o Luciano, ele também expulsava o posseiro com ajuda da polícia, era comum ele chegar lá em São Romão, com o avião cheio de policiais civis. Polícia Civil de Minas Gerais dentro do avião dele, sequestrando trabalhador, torturando, expulsando trabalhador, fazendo uso da polícia de Minas Gerais, da nossa gloriosa polícia.

INTERLOCUTOR: E assassinato, o senhor se recorda?

LUIZ CHAVES: Assassinatos, eu tenho uma lista certamente, o período que teve o maior número de assassinatos foi de 84 a 85, somente em Minas Gerais me parece foram mais de 20 assassinatos, mais de 20 assassinatos.

INTERLOCUTOR: E o senhor...

LUIZ CHAVES: Nesse mesmo período nós temos um levantamento em Minas Gerais haviam 72 conflitos agrários, envolvendo aproximadamente 9 mil famílias. Levantamento da FETAEMG, 9 mil famílias em conflitos.

ROBSON: Nós temos esses documentos? Acesso a esses documentos?

LUIZ CHAVES: Eu tenho, eu sei aqueles registros meus que eu tenho.

ROBSON: Nós poderíamos digitalizá-los?

LUIZ CHAVES: Já foi feito em parte já.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

LUIZ CHAVES: Né? Eu não sei se fizeram de tudo, mas eu sempre que eu procuro, eu busco as minhas coisas eu consigo recorte de jornal.

ROBSON: Porque nós não conseguimos muito acesso ao material da FETAEMG.

LUIZ CHAVES: Pois é, é que eu não imaginava. FETAEMG tinha um belo arquivo, eu acho que eles também consumiram. Mas então, Antônio Luciano era o terror da região, um dos motivos das nossas ameaças de morte, eu e Afrânio sofremos diversas ameaças, mas naquele momento ali, eram no mínimo três conflitos pesados, que era Cachoeirinha, então a ameaça vinha direto do coronel Jorgino, era a fazenda Menino, com ameaça direta da turma do Luciano Pereira, e era fazenda Flores em Varzelândia, também vindo de um coronel da aeronáutica aposentado chamado Barros Lima, coronel Barros Lima. Ali também foi um processo de grilagem terrível. Um fazendeiro chamado Henrique Oliva, advogado em Montes Claros, ele era proprietário de uma área em Januária, divisa de Varzelândia, e conseguiu uma expulsão contra alguns posseiros, próximo da fazenda dele, dentro de Januária. Com esse mandado, ele estendeu pra dentro de Varzelândia, pegando milhares de hectares de terras e uma comunidade muito grande chamada Bonanza, fazenda Flores. E, ante a resistência dos posseiros, ele o quê que ele fez? Ele vendeu essa terra, mediante documento obviamente fabricado, para esse coronel da polícia da aeronáutica aposentado, e coronel usando (trecho incompreensível) da sua patente ele tentou fazer horrores lá. E nós fomos com enfrentamento, quer dizer, houve um enfrentamento, eu, eu tive sorte, quase que eu fui atingido, dentro da casa dele, eu estive... quem me salvou foi um

jornalista, chama-se, o jornalista Girleno Alencar, do jornal de Montes Claros. Ele me chamou pra negociar com ele, pra dentro da casa dele, obviamente eu não ia sozinho, aí eu chamei o jornalista, falei: “Vamo lá, vamo ver o quê que ele quer com os posseiros.”, chegando lá ele começou a me agredir e enfiou a mão na pistola, aí quando o jornalista partiu pra cima dele, segurar ele, eu saí correndo pra fora. E aí como ainda tinha a arma dentro do carro também, eu fiquei lá dentro do carro apontando pra porta da casa dele, ficou numa cena terrível. Coronel Barros Lima. Mas felizmente essa resistência surtiu efeitos, os posseiros não foram expulsos, e o INCRA acabou desapropriando posteriormente essa área da fazenda Flores, né? Mas então as ameaças nós nunca soubemos de onde vinham, mas vinham dessas três, desses três grandes conflitos, e obviamente todos eles envolvendo a polícia, de uma forma ou de outra, né? Forças públicas.

INTERLOCUTOR: Como é que se dava mais essas ameaças? Vocês recebiam além dessas (trecho incompreensível).

LUIZ CHAVES: Bilhetes e telefone, telefone, era constante. Pra mim chegava assim: “Olha, cê não vai ver mais a sua esposa.” Minha esposa trabalhava no fórum, imagina o terror que cê fica, né?

Um colega meu ele ameaçava as crianças dele que estudavam na escola, né? Ameaçavam as crianças. Ele teve, até se retirou nessa época, mas ele foi trabalhar na SET - Secretaria do Trabalho, foi chamado pelo Ronan Tito. Ronan Tito foi secretário do trabalho na época do início do governo Tancredo, né? E ele se retirou da região em função dessas ameaças. E aí também, depois dessas ameaças, foi interessante que houve uma mobilização geral das organizações, da igreja, dos sindicatos, da insipiente já organização da CPT da CUT, num ato público, que acabou sendo o primeiro ato público depois da ditadura na praça da catedral de Montes Claros. Isso pra muitos foi um sucesso, né, quer dizer, a praça é nossa. E esse ato público foi, foi marcado para defender a mim e ao Afrânio que estávamos ameaçados naquele momento, ameaçados de morte.

ROBSON: Isso em mil...?

INTERLOCUTOR: Qual foi a data?

LUIZ CHAVES: 82. Foi em maio, abril, abril de 82. E lá compareceram, essas gravações também eu sinto muito, eu gravei tudo, tá tudo, as fitas se perderam. Três deputados que à época tinham uma posição firme em defesa dos, dos direitos humanos dos trabalhadores enfim, que era o Cássio Gonçalves, do MDB antigo, o Amorim, Edgar.

ROBSON: Edgar Amorim.

LUIZ CHAVES: Amorim, e do PDT o Tourinho, como é que chama? É...

ROBSON: O Fernandes?

LUIZ CHAVES: Não, Fernandes é o juiz. Doutor Genival Tourinho.

ROBSON: Genival Tourinho.

LUIZ CHAVES: Genival Tourinho, três grandes figuras que naquele tempo da ditadura eles, como únicos deputados de Minas certamente que assumiam essa defesa clara da reforma agrária e dos posseiros, né? Então fizemos esse ato, o povo foi fantástico, né? E a turma gravando ainda, imaginem logo já com o final da ditadura já, né, agonizando, já, as diretas já tavam comendo no estado de São Paulo, já vinha, né, a luta pelas diretas. E lá nos prédios assim na catedral tinha um famoso médico lá que era do SMI, filmando a gente, filmando tudo, filmando tudo, e a gente já tinha coragem até de apontar o dedo: "(trecho incompreensível) pode filmar, pode filmar a gente aqui, a praça é nossa.", foi muito interessante, sabe? E daí foi, isso deu uma força pra luta porque veio o primeiro de maio em seguida, primeiro de maio foi a primeira vez que a turma se mobilizou pra comemorar o primeiro de maio, né? Nós fizemos uma grande concentração exatamente em Jaíba. Tínhamos acabado de criar uma delegacia sindical em Jaíba e aí juntamos o povo de Cachoeirinha, o povo da Jaíba, os posseiros que tinham sido expulsos, fizemos uma passeata fantástica ali em Jaíba. E a grande maioria dos sindicatos em Minas Gerais também comemoraram muito o primeiro de maio, Praça aqui da, Praça da Cemig também teve uma concentração importante, foi assim uma, início da libertação, início da luta pelas Diretas Já! Primeiro de maio, lembro bem.

ROBSON: Nós temos ainda, podemos, porque Juliana, você quer também fazer alguma coisa? Porque eu tenho mais um...

JULIANA: Só gostaria de perguntar pra ele a questão da FETAEMG, como que a FETAEMG via o trabalho de vocês lá, qual que era o respaldo que ela dava pra vocês?

LUIZ CHAVES: Pois é, como eu já até mais ou menos falei.

JULIANA: Se vocês achavam que a FETAEMG era compatível?

LUIZ CHAVES: A FETAEMG, ela inicialmente ela tava com o pé atrás porque na, quando nós iniciamos o trabalho da CPT aqui, eu era funcionário da FETAEMG, mas como eu tinha já todo o contato de Goiás da CPT Nacional, contato aqui importante com o padre Gerônimo, padre Gerônimo era de Teófilo Otoni, português, e ele que liderou a turma da igreja pra criar a CPT, com base onde? Com base no documento da própria CLBB, a igreja luta pela terra, fazia questão.

ROBSON: Foi 82?

LUIZ CHAVES: Foi 80.

ROBSON: 80?

LUIZ CHAVES: 80 esse congresso da igreja católica. E porque até então a CPT de Goiás, apesar de ter sido fundada em 75, era vista ainda como um movimento, como infiltrado dentro da igreja, né? A igreja tradicional via a CPT como algo vermelho, comunista, então teve essa resistência. A partir desse documento da CNBB, então começamos a ganhar espaço, eu lembro-me muito bem que fomos fazer uma reunião em Brasília de Minas, Brasília de Minas. Uma reunião da CPT, uma reunião da CPT que era pra gente, já tinha acabado de criar o sindicato, e vamos criar então um comissão da CPT, e conseguimos vários trabalhadores católicos que queriam participar da luta, e marcamos a reunião pra dentro da casa paroquial. No momento que nós chegamos pra fazer a reunião na casa paroquial, o padre simplesmente não deixou entrar. Falou: “Não, eu não sabia que era reunião pra discutir essas coisas, é muito perigoso discutir essas coisas.”, e não deixou a gente fazer a reunião na casa paroquial, nós acabamos fazendo na praça em frente à casa paroquial, fizemos a reunião lá. Então havia essa resistência, e a FETAEMG tinha o temor de que, esse movimento ia tomar ali espaço e se apropriar do sindicato. O mesmo aconteceu com o surgimento do MST, da CUT, como eu acompanhei, que eu já falei aqui, acompanhei todos esses movimentos, levando caravanas para a fundação desses movimentos, pressentia que era um temor total. Mas como também a intervenção da Contag, a Contag teve um papel importantíssimo, né? A Contag promoveu alguns encontros, chamados de encontros do Vale do São Francisco. Então a Contag reunia Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas, todo o pessoal da beira do rio, em encontros. Fizemos alguns encontros na Bahia, cada vez num Estado, num estado. E a Contag vinha reforçando essa luta, a importância da aliança, a importância da gente fazer aliança com o trabalhador urbano pra defender os interesses. A importância de trabalhar

coletivamente, essa palavra que foi eu acho que grande chave do movimento: Trabalhar coletivamente para enfrentar o latifúndio, pra enfrentar o latifúndio. Então foi difícil, mas a FETAEMG acabou absorvendo isso, ao própria assessoria que a FETAEMG pegou, nós já falamos, o Alex foi fundamental, eu esqueci de uma outra assessora carioca.

INTERLOCUTOR: Ana Mota.

LUIZ CHAVES: Ana, Ana Mota, foi muito importante também, a participação dela nessa abertura, vamos dizer assim, e o André Montalvão que era o presidente, acabou dando uma certa liberdade. Eu tinha total liberdade, procê ter uma ideia, pra trabalhar no norte de Minas. Então eu pegava um carro que era da FETAEMG, que era um Fiatzinho 147, e saía sertão afora, não tinha data para voltar. Saía de Montes Claros, eu fiquei até dois meses procê ter uma ideia, rodando na região, dois meses pra retornar pra Montes Claros, né? Sem nenhuma, sem pedir benção da FETAEMG, sem pedir licença nem nada, né? Eles me pagavam a gasolina, me pagavam...

INTERLOCUTOR: Eles davam autonomia para o seu trabalho?

LUIZ CHAVES: Me pagavam uma pensão, eu prestava conta com nota da pensão, nota da comida, nota do combustível, todo esse dinheiro eles pagavam, me davam total liberdade pra trabalhar na região.

INTERLOCUTOR: E como é que era a relação, desculpa, como é que era a relação da FETAEMG com o estado? Por exemplo, o fundo rural era administrado pelos sindicatos locais, ou pela FETANG e havia uma distribuição? Como é que funcionava essa...

LUIZ CHAVES: O fundo rural acabou em 75 ainda, né? Não tinha participação no fundo rural. O que tinha era o seguinte, era uma interferência brutal do Estado na organização sindical, então pra você ter uma ideia, a cada sindicato que ia fundar, eu é que marcava a data, publicava-se o edital, tudo com a autorização da delegacia do trabalho aqui. Que tinha um delegado que ficou não sei quantos anos, acho que até morrer, doutor...

INTERLOCUTOR: Onésimo?

LUIZ CHAVES: Onésimo Viana, terrível Onésimo Viana. Então o sindicalismo todo beijava a mão do Onésimo Viana, ele que autorizava pra fundar um sindicato, pra fundar uma delegacia sindical, pra fazer uma eleição sindical, tudo dependia da autorização do Estado, então era engessado, era completamente engessado.

ROBSON: Ele ficou durante todo o período da ditadura militar?

LUIZ CHAVES: E depois também.

ROBSON: E depois também?

LUIZ CHAVES: E depois também. Eu acho que até morreu ali, não sei, mas foi terrível esse cara, né, foi terrível. Mas é...

INTERLOCUTOR: E como é que era? Aí pedia autorização pra ele, em geral isso era autorizado, ele fazia uma investigação sobre os encontros?

LUIZ CHAVES: Não, ele fazia, ele fazia investigação, isso existia todo um aparato dentro da FETAEMG, tinha espiões também. Era cheio de, como é que chama? De...

INTERLOCUTOR: Infiltrados?

ROBSON: Olheiros?

LUIZ CHAVES: Infiltrados, olheiros, né? O próprio assessor jurídico, Doutor Brina, esses dias eu... Eu esqueci o nome dele, mas é Doutor Brina. Ele era um homem de confiança da polícia, do sistema de segurança da polícia, então ele que dava a notícia toda, então quando tinha uma pessoa que tinha alguns antecedentes aí contra ele, ele simplesmente, o próprio delegado do trabalho barrava. Então fazia a relação de trabalhadores que iam compor a chapa, e ele simplesmente riscava fulano, riscava ciclano, quer dizer, por que motivo? Não se enquadrava dentro dos critérios da... do Ministério do Trabalho.

INTERLOCUTOR: E como que ele foi parar no sindicato, esse Doutor Brina? Foi indicação?

LUIZ CHAVES: Não, quando, quando eu cheguei lá, ele já estava, a FETAEMG foi criada com as bênçãos do Estado, foi criada me parece que sessenta e?

INTERLOCUTOR: Oito.

LUIZ CHAVES: Nove, 68. Então a FETAEMG nesse período foi criada com a participação efetiva do estado, os primeiros diretores da FETAEMG, eles tinham status de servidor público, andavam em carro preto, placa branca, procê ter uma ideia. Presidente da FETAEMG andava de placa branca, carro preto, placa branca, chapa branca, entendeu? Então era todo um, não é? Direto, vínculo direto com o Estado. O Estado tentando dominar. Felizmente isso acabou com a constituição.

INTERLOCUTOR: Mas lá dentro tinha a consciência de que, Doutor Brina e outras, outros (trecho incompreensível) ele ia infiltrado de algum modo?

LUIZ CHAVES: O doutor Brina... é... todo mundo sabia.

INTERLOCUTOR: Sabia.

LUIZ CHAVES: Quando eu entrei na FETAEMG, me parece que logo, uns dois anos depois, ele saiu, Doutor Brina saiu. Por quê? Porque já dava o sinal de abertura política, né, que já o sindicalismo tentar desvencilhar-se do Ministério do Trabalho, das amarras do governo. Pela primeira vez começamos a discutir, por exemplo, contrato coletivo de trabalho e greve, a primeira greve na área rural o reflorestamento foi feito em São João do Paraíso, foi fantástica essa greve à revelia do Onésimo Viana. Isso gerou até uma discussão terrível aqui entre a FETAEMG e o delegado regional, porque ele se recusava a marcar uma reunião pra discutir o dissídio coletivo, né? Mas acabou que a FETAEMG teve sucesso, ingressou diretamente na justiça, por cima, passando por cima do Onésimo Viana, e acabou se tornando a primeira greve à revelia do Ministério do Trabalho. Ali começou a enfraquecer, começou a enfraquecer, eu acho que Doutor Brina saiu exatamente nesse momento.

INTERLOCUTOR: Essa foi a greve de Passos ou foi...?

LUIZ CHAVES: Greve de São João do Paraíso.

INTERLOCUTOR: Parece que tinha um médico também que atuava...

LUIZ CHAVES: Doutor Issaac, oculi...

INTERLOCUTOR: Isaac?

LUIZ CHAVES: Issaac.

INTERLOCUTOR: Issaac.

LUIZ CHAVES: Era oculista da FETAEMG. A FETAEMG tinha o laboratório importante aqui na rua, é... Alfredo Balena, subindo ali. Ali tinha um, era um hospital da FETAEMG, mas ele atendia na... , como médico oculista, também era homem do sistema.

ROBSON: É... o senhor...

INTERLOCUTOR: O senhor vai falar sobre o processo de administração dos sindicatos? Poderia contar mais sobre como era o processo local e se você se lembra de situações de monitoramento, intervenção por parte de agentes públicos ou privados, nos contar mais desses processos?

LUIZ CHAVES: Bastante. É, tivemos alguns exemplos assim que foram bem claros. Cito um: por exemplo, Bocaiuva. O sindicato de Bocaiuva, nós começamos o trabalho de base para criar o sindicato, já de imediato nós tínhamos a oposição do prefeito. José Maria, José Maria, o prefeito. Falou que aqui não, "Aqui não vai ter sindicato, não." Primeiro, empecilho nosso, o segundo foi fazer o trabalho de base onde tinha o

maior número de trabalhadores que era a indústria malvina. Vocês conhecem ali, né? Ali Engenheiro Dolabela. Engenheiro Dolabela onde havia uma indústria

de cana, ali a gente não conseguia entrar. Eu até fiz todo o trabalho de base lá dentro com carro emprestado, um carro emprestado de um estudante de medicina, estudantes de medicina, que era o Alberto Caldeira. Já ouviram falar do Alberto Caldeira? Foi prefeito de (trecho incompreensível) de Bocaiúvas, posteriormente, por dois mandatos, prefeito de Bocaiúvas. Ele me emprestou, ele tinha um Opala, ele tinha um Opala branco, ele me emprestava o carro dele pra mim entrar nas Malvinas, nas comunidades todas pra fazer a reunião. Porque se eu entrasse com meu carro, já era conhecido, eles não me deixavam entrar. Com o carro dele, entrava, circulava, faziam todo trabalho de base. E quando marcamos a fundação do sindicato, o prefeito falou que ninguém ia fundar sindicato. Aí foi muito interessante que aí fizemos uma grande mobilização, e a turma foi, marcamos a fundação pra dentro da igreja, no bairro Pernambuco lá em Bocaiúva, uma igreja grande, marcamos a fundação do sindicato dentro da igreja. Aí foi chegando pessoal em caminhões, caminhões e caminhões lotados de trabalhadores, quando foram chegando o prefeito foi pra lá. Quando ele viu aquela turma aquele tanto de gente, ele simplesmente se recuou, desistiu, e nós fundamos, foi uma mobilização das maiores que nós já fizemos, foi em Bocaiúva. Fundar o sindicato.

INTERLOCUTOR: O senhor se recorda o ano?

LUIZ CHAVES: Acho que oitenta, esse foi em 83, 83.

INTERLOCUTOR: Com o Juarez?

LUIZ CHAVES: Com o Juarez Teixeira Santana. Foi o primeiro presidente, e seu Antônio, Antônio tesoureiro, é, foi essa turminha aí, Juarez Teixeira Santana.

INTERLOCUTOR: Há outras situações que o senhor se lembra de monitoramento de agentes policiais?

LUIZ CHAVES: A maioria, a maioria dos sindicatos que nós fundamos foi com absoluta vigilância da polícia, investigação da polícia era constantemente, quando a gente formava um grupo, a gente fazia trabalho de base formando grupos em comunidades, em cada comunidade, a gente escolhia uma liderança que posteriormente ou passaria a ser, próprio, fazendo parte da diretoria, ou se tornaria um

líder sindical, um delegado sindical daquela comunidade. Assim que a gente saía dessas reuniões, chega a polícia, já tomava ficha completa, não só dele, mas como, de quem foi lá, o que fomos fazer, tudo era levantado, era levantamento completo. Isso era em todos os lugares ocorria esse monitoramento da polícia.

INTERLOCUTOR: Qual polícia que o senhor diz, Polícia Militar?

LUIZ CHAVES: A Polícia Civil.

INTERLOCUTOR: Civil?

LUIZ CHAVES: A Polícia Civil, Polícia Civil. A Polícia Militar à época ela fazia mais o trabalho de bate palma, era a polícia militar que chegava pra avisar o posseiro se ele tinha que sair, entendeu? Era o primeiro bote quem dava era a Polícia Militar, mas quem fazia esse trabalho de investigação sempre foi a Polícia Civil. Sempre foi a Polícia Civil.

ROBSON: Pois não, Juliana.

JULIANA: O senhor falava um pouco mais cedo sobre o caso do Saluzinho e fez uma referência aos conflitos com o Xacriabá, o quê que o senhor lembra, assim, a esse respeito?

LUIZ CHAVES: Foi uma luta importante ali também, viu? Essa luta eu iniciei juntamente com o Fábio, professor Fábio, que morreu, né?

ROBSON: Fábio Alves?

LUIZ CHAVES: Fábio Alves.

ROBSON: Dos Santos?

LUIZ CHAVES: Eu, Fábio Alves, e o outro Fábio, Fabinho que era do Espírito Santo Sine, leste do Espírito Santo. Nós iniciamos esse trabalho e como eu residia em Montes Claros, eu ficava sendo também o contato deles, eles, entre os índios, e eu Sine. E foi uma luta difícil porque ali havia uma resistência pública contra os índios. Começando pelo prefeito e pelo delegado. O prefeito. O prefeito de Itacarambi chamava-se José de Paula. Ele era um dos grileiros de terras indígenas, e não permitia admitir que lá existia índio. E o delegado, chamava-se Antônio Reis, Antônio Reis. Esse delegado pegava Xacriabá lá dentro da cidade, primeiro ele perguntava: "Ocê é o quê mesmo?". Se eles falassem que era índio, ele descia o cipó, espancava, ele simplesmente não impe... ele impedia que o pessoal se identificasse como índio, então todos.

ROBSON: Delegado da Polícia Civil?

LUIZ CHAVES: Delegado da Polícia Civil, Antônio Reis. Então ele, o delegado e o prefeito, uma campanha hostil contra a existência de índio no município, ou seja, eles diziam: “Aqui não existe índio.” Por quê? Porque no momento que eles admitissem que existisse índio ali eles teriam que reconhecer que existiria terras, também. Né? E eles não admitiam. Então essa, essa perseguição demorou muito tempo, e a gente não conseguia entrar lá.

INTERLOCUTOR: Por quê?

LUIZ CHAVES: Porque o delegado simplesmente mandava cercar a gente, e dar meia volta e voltar. E o quê que a gente fazia? Então a gente entrava por dentro, tinha um caminho por Januária, estrada terrível, de areia, a sorte que assim que nós fundamos a CPT nós compramos um Toyota, pela igreja, pela diocese de Montes Claros. E o Sine, e o Fabinho já tinham um Toyota, então a gente ia ou com o Toyota nosso, ou com o Toyota do Sine, a gente entrava por Januária e conseguia sair dentro da reserva. Porque pela frente a gente não conseguia, nem por Itacarambi, nem por Missões, a gente não entrava, era tudo vigiado. Então foi uma luta realmente, primeiro, pra fazer esse trabalho de base lá, quando a gente conseguiu fazer com que os índios grileiros se não tivessem medo de dizer que eram índios, porque grande parte deles já não queriam saber que era índios, não, porque sabiam que iam apanhar, que ia ser torturado e tudo, né? E aí começou-se essa organização nas várias comunidades que lá existem, e foi ganhando corpo, foi ganhando corpo e ao mesmo tempo, saindo pra fora do Estado, aí envolvemos a FUNAI, quando se descobriu que a maior parte das terras já tinham sido tituladas por quem? Pela Rural Minas.

ROBSON: A Rural Minas de Novo?

LUIZ CHAVES: Então a Rural Minas foi lá e titulou terras indígenas para fazendeiros.

INTERLOCUTOR: Isso, eu ia perguntar isso pro senhor, o senhor sabe como é que foi essa atuação da Rural Minas no território? Porque parece que começou já no final dos anos 60.

LUIZ CHAVES: Exatamente, porque antes da gente chegar lá, eram poucos que admitiam que lá tinha índio. Então eles acabaram ficando confinados naquelas aldeias, são 16 aldeias, me parece.

INTERLOCUTOR: Hoje são 35.

LUIZ CHAVES: Trinta já? Nó, à época eram 16 aldeias. Então ficaram confinados ali. E as terras obviamente todas foram desapropriadas por fazendeiros que, uma vez tomando posse requeriam a titulação da Rural Minas. Rural Minas ia lá e titulava a

terra para os fazendeiros, assim como fizeram no Krenak, assim como fizeram no Maxacali, a Rural Minas titulou todas as terras indígenas em Minas Gerais. E esse levante começou lá, começou lá com os Xacriabá, aí foi em cadeia. Eu acompanhei toda essa luta porque aí eu já passei a trabalhar no Sine também, já como advogado. Acompanhei toda a retomada dos Cacriabá, a retomada dos Krenak e retomada do Maxacali. Todas elas eu acompanhei, e todas elas envolvendo a Rural Minas. Mas mesmo assim é importante falar daquela chacina né? Quer dizer, quando os fazendeiros começaram a perceber que não tinha mais retorno, quando os índios fizeram aquela retomada forçada e expulsaram muitos ocupantes, esses ocupantes acamparam inclusive na cidade de Itacarambi, ficaram aí por meses, eles começaram a agir pra quê? Pra eliminar as lideranças lá, a principal liderança era o Rosalindo, o cacique Rosalindo. Foi quando foi feita aquela, a emboscada à noite, né? Comandada pelo senhor Amaro, fazendeiro, baiano, com seus jagunços. Fez aquele ataque à noite e matou o Rosalino e mais três indígenas, dois indígenas, né? Então, mas aquilo ali foi a gota d'água também porque com essa chacina aí despertou o próprio poder judiciário. Aí houve uma intervenção pesada né? Da justiça, inclusive julgou, cê sabe que foi o primeiro crime julgado como genocídio. Primeiro, tá? Foi aqui esse em Minas Gerais, dos Xacriabá.

INTERLOCUTOR: Uma coisa que parece um pouco distinta dos outros povos indígenas, é que os próprios Xacriabás não tinham, em princípio, um reconhecimento da FUNAI, e que isso gerava conflitos também entre a própria Rural Minas que continuava titulando e (trecho incompreensível) não era plena, digamos assim, na área.

LUIZ CHAVES: Mas isso é muito compreensível. A FUNAI ela, ela.. nasceu pra, dentro daquela política de que no ano 2000 não haveria índio mais no Brasil. Aplicando a política oficial do próprio governo, tá certo? Então tanto assim que a FUNAI ela pra admitir um laudo antropológico, era um sacrifício danado, tanto assim que ela, pra exterminar os Krenak e os Maxacali, ela pegou todo mundo e engaiolou aqui em Carmésia. Ela pegou todo mundo, levou pra lá, porque ali o quê que iria acontecer? Como ali já funcionava um presídio de índios, uma cadeia mantida pelo própria Polícia Militar, quando se misturava os índios ali, a tendência era o que? É desaparecer uma etnia, né? Cê mistura e desaparece pelo menos uma, né? E fizeram isso, no intuito de acabar com os índios que existiam em Minas Gerais. Era pra não ter nenhum. E levaram séculos pra reconhecer, por exemplo, os Xacriabá, como eles não

reconheceram todos os índios que surgiram de oitenta e... 94 pra cá, a FUNAI não reconheceu mais nenhum, nenhuma, quantos povos nós temos em Minas hoje? Cê sabe? São 12? 12, então a FUNAI só reconhece 4, os demais todos foram reconhecidos por quem? Pelo Ministério Público, ou ao partir da convenção 69, pela auto declaração. A FUNAI, pra ela só tem 4 povos indígenas em Minas Gerais. Engolindo Xacriabá, engolindo Xacriabá, tá? Eu lembro-me muito bem, participei de reunião com o Lúcio Flávio, não sei se você lembra. À época ele era o, o, o...

INTERLOCUTOR: Presidente?

LUIZ CHAVES: Presidente não ele era o chamado de gerente regional, superintendente regional de Minas Gerais, lá em Valadares, Lúcio Flávio. E ele mesmo admitia que tava lá, não são índios, não, são caboclos. Lá tem caboclo, não tem índio.

INTERLOCUTOR: Esse discurso era presente na (trecho incompreensível)?

LUIZ CHAVES: Esse discurso era presente da própria FUNAI também. Então imagina, a FUNAI, a prefeitura, a delegacia de polícia, quer dizer, tudo que, a Rural Minas, todo mundo falando: “Aí não tem índio, só tem caboclo. Caboclo não, Bandido.” Eles cansavam de falar assim: “Caboclo, não, lá só tem bandido. É bandido que se esconde lá, falando que é índio.” Isso era muito comum, né?

INTERLOCUTOR: Qual que era o discurso da Rural Minas em relação aos posseiros?

LUIZ CHAVES: A Rural Minas nunca gostou do posseiro, né? Se você pegar a história da Rural Minas toda, ela sempre preteriu os posseiros pra titular o grande fazendeiro. E assim o fez. Por exemplo, os exemplos que eu te mostrei aqui da participação direta da Rural Minas no estado inteiro, no estado inteiro ela nunca titulou posseiro. Ela entendia que o posseiro, uma vez retirado da terra, ela poderia servir de mão de obra para aquele que tivesse condição de investir na terra, quem tinha condição de investir na terra era só quem tinha dinheiro, então o posseiro, ele devia transformar numa boia-fria, num empregado, num assalariado, pra que ele tivesse dinheiro. E assim o fez.

INTERLOCUTOR: E o INCRA?

LUIZ CHAVES: O INCRA é outro, o INCRA foi outro, tem uma história terrível, uma história terrível. Pois cê ter uma ideia, naqueles anos onde tinha o maior número de conflitos em Minas Gerais, até 85, mais de 70 conflitos, mais de 9 mil famílias envolvidas, durante esse período de dois, de, de de... 70, de 80 a 85, o INCRA desapropriou dois imóveis apenas. Tá? Apenas dois imóveis, com o tanto de conflito

existente, né? Então claramente também uma política contrária aos posseiros. Eu já vi isso até hoje.

INTERLOCUTOR: Lá em Cachoeirinha eles tentaram negociar com os posseiros, né?

LUIZ CHAVES: Não, o INCRA não se envolveu em Cachoeirinha inicialmente.

INTERLOCUTOR: Não? Foi só a Rural Minas?

LUIZ CHAVES: Só teve a participação somente do Tancredo, não foi nem da Rural Minas. Foi Tancredo Neves, e eu acompanhei essa caravana de posseiro por mais de uma vez, em reunião. E o governo...

INTERLOCUTOR: Ele era o governador, né?

LUIZ CHAVES: O governador, ele tinha acabado de assumir em 82, né?

ROBSON: Uhum.

LUIZ CHAVES: Tinha substituído o Francelino Pereira. Francelino Pereira que comandou aquela repressão terrível lá em Cachoeirinha quando fizemos naquele ato público. Foi Francelino Pereira, toque de recolher em Cachoeirinha, botou 300 soldados acampados na entrada de Cachoeirinha, porque não era pra ter aquele ato público e nada, e nós peitamos aquele batalhão todo. Aí veio Tancredo e prometeu resolver. O quê que ele fez? Uma jogada também inteligente o político como ele era, ele desapropriou a fazenda do Jorgino.

INTERLOCUTOR: A Caetité?

LUIZ CHAVES: É. Sabendo que depois o próprio Jorgino derrubou na justiça, porque desapropriação para fins de reforma agrária somente o Governo Federal. Aí o que acontece? Aí ele pegou um outro fazendeiro lá, o... me falhou a memória agora, e propôs uma permuta, com uma fazenda da Rural Minas lá em Manga, então o fazendeiro entregou a terra dele que eram uns 400 alqueires, é... hectares ali, e recebeu mais de 2 mil lá na...

INTERLOCUTOR: Um negócio ótimo ora fazenda.

LUIZ CHAVES: Um negociaço, né? Aí o que acontece? Assentou as primeiras famílias de posseiros. E ofereceu outras áreas na Jaíba, dentro do projeto Jaíba, então os posseiros foram lá e verificaram que os lotes eram aqueles que haviam sido refugados por todos, os lotes que estavam lá há muito tempo demarcados, porque não

tinha água, não tinha acesso a água, não tinha nada. Ofereceram para os posseiros. Alguns foram, alguns foram, depois retornaram, e aí, bem depois que entrou o INCRA na história e acabou então desapropriando a fazenda do coronel Jorgino.

INTERLOCUTOR: Sobre o ato de 82 o senhor poderia contar mais?

LUIZ CHAVES: Qual ato?

INTERLOCUTOR: Esse de Cachoeirinha.

INTERLOCUTOR: O ato de Cachoeirinha e de Montes Claros?

LUIZ CHAVES: Esse ato foi em 81.

INTERLOCUTOR: 81?

LUIZ CHAVES: 81.

INTERLOCUTOR: Que a polícia barrou, né?

LUIZ CHAVES: É, 81.

INTERLOCUTOR: Na própria estrada.

LUIZ CHAVES: Quando, quando então eclodiu a luta de Cachoeirinha, houve aquela primeira ocupação da fazenda de coronel Jorgino, eles sentaram o cipó nos posseiros, prenderam, bateram, e aí teve até uma cena interessante lá. Eu fui pra lá, eles tinham acabado de prender o Gonçalo, o Gonçalo era um posseiro. E levaram pra cadeia lá, local, e o delegado, o delgado lá, incrível, ele era ex-posseiro, expulso em 67, Virgílio. O Virgílio nomearam ele delegado, o delegado Calça Curta, né? E aí eu fui ter com ele, falei: “Mas por que prenderam o Gonçalo?”, todo mundo falou assim, “Mas ninguém, ele não fez nada, tava andando na rua, a polícia veio e prendeu, chutou ele, chutou ele e levou.” O Gonçalo tinha a língua solta, ele falava muito e xingava, e daí costumava dizer: “Essa terra é nossa, nós vamos pegar de qualquer jeito.” E a polícia levou ele pra uma cadeiazinha que tem lá, toda de pau. Aí fui com o delegado, falei: “Delegado, não pode prender assim, não, amo lá soltar.” O delegado não quis ir de jeito nenhum, de medo, coitado. Era delegado mesmo, só de fantoche, porque era a Polícia Militar de Janaúba, onde tinha o Vicente Lemos, Boca de Sapo, que era delegado regional. Terrível. Aí o que acontece? Ele, nós fomos pra lá, reuniu um monte de posseiros, fomos pra lá, tinha só um policial lá, no plantão da cadeia, e nós falamos “Bom, nós viemos aqui buscar o, buscar o Gonçalo”, falou: “Ah, vocês vieram buscar os Gonçalo? Como assim?”, falei: “Nós queremos que solte ele. Que motivo cês prenderam ele?” “Não, e que ele fica falando muito.” Falei: “Isso não é motivo pra prender não.” Pegamos, o pessoal sempre pegando cano, poste, pedaço de pau, nós cercamo a cadeia desse tamanhinho. O

dele... o policial quando viu aquele turma toda, falei: “Nós vamo arrebentar isso aqui tudo. O senhor vai ter que soltar agora.”, ele pegou e soltou o Gonçalves. Aí a fama nossa cresceu, aí cresceu, cresceu mesmo. Daí porque nós já tínhamos marcado esse ato público, ele ia acontecer alguns dias ou semanas depois. O Francelino mandou pra lá um batalhão e meio, montaram acampamento, barracas de acampamento de guerra, à beira do rio Verde, e botaram toque de recolher em Cachoeirinha. Por que motivo a gente não sabe. Escureceu, todo mundo pra dentro de casa. Todo mundo pra dentro de casa, esse pessoal ficava só da janela olhando o quê que ia acontecer no meio da rua, e a polícia desfilando.

INTERLOCUTOR: Todo mundo com medo.

LUIZ CHAVES: A polícia desfilando na rua de noite, tatata. Aí o que acontece, eu tinha que ir pra lá pra preparar o ato público que ia acontecer, e como é que eu ia com meu Fiatzinho om aquelas cornetas em cima do, corneta em cima do carrinho, que eu saía convocando a turma. Aí o quê que eu fiz? Fui por Varzelândia, peguei uma estrada de chão terrível, rapaz, terrível. Porque eles trancaram o acesso pela ponte, né? Que era a entrada principal da cidade. Por trás, tinha vários caminhos pra fazer no Arapuí, por Capitão Enéas, por Varzelândia, por estrada de chão que eu conhecia bastante; eu fui por dentro, e cheguei lá, e liguei meu carrinho de som. Quando eu liguei meu carrinho de som, chamando a turma pra porta da igreja, pra porta da igreja, o pessoal abria um tiquinho da janela e olhava assim, pra ver assim o quê que ia acontecer. Cheio de policial na rua, quando eles viram que polícia não me parou, e eu continuei rodando a cidade com o carrinho, e chamando todo mundo, chamando... quando eles viram que polícia não me parou, eles foram saindo, foram saindo um a um, foram saindo um a um. Um a um eles foram pra, todo mundo foi pra porta da igreja. Só que aí os ônibus que vinham de fora, daqui inclusive, do Vale do Aço, de Belo Horizonte, de Teófilo Otoni, muitos ônibus, todos foram parados em Janaúba, ou entre Janaúba e Cachoeirinha, e muitos voltaram, não deixaram prosseguir, revistaram todo mundo, todo mundo, e acabou que de fora mesmo, não veio quase ninguém. Eu acho um ônibus só, ou dois, consegui passar. Fizemos esse ato público na porta da igreja, dentro da igreja, cercado de polícia, e o interessante, eu tinha, até procurei essa foto, uma foto importantíssima. Que, enquanto tem um orador no palanque falando, a turma toda tá olhando pra trás, olhando pra polícia, de medo, de medo da polícia atacar porque ela fechou, ela fechou simplesmente, né? De cacete na mão e tudo. Falei: “Meu Deus!” Aí eu só avisei assim ó: “Se vier, não entre pra igreja, pelo amor,

não entre na igreja, não. Tenta furar o cerco, se furar leva uma cacetada só, ou duas, mas se entrar pra igreja é pior, vai apanhar igual.” Aí, aí todo mundo, assim: “Se a polícia vem nós vamos furar o cerco, vaza todo mundo, estoura. Não entra na igreja, não.” Aí, mas, ô bicho, foi... E nós falamos o que pudemos falar, e polícia ali gravou tudo. Eu lembro do Leonardo, era presidente do sindicato dos metalúrgicos de João Monlevade, essa gravação era muito bonita. Leonardo falava assim ó, com o dedo pros policiais assim: “Essa.”, ele era negro, fanho, já rouco: “Essa turma de bosta que tá aqui na frente mandado pelo Francelino Pereira. Nós vamos cagar em cima da mesa do Francelino Pereira, nós vamos cagar em cima desse povo!” Apontando o dedo, e nessa hora que todo mundo olhando pra polícia.

INTERLOCUTOR: Você mencionou o delegado de Janaúba, o senhor poderia falar mais sobre ações dele ou de outros delegados?

LUIZ CHAVES: Esse delegado chamado Sapo, Boca de Sapo.

ROBSON: Boca de Sapo.

LUIZ CHAVES: Ele por sinal, um filho dele é interessantíssimo.

INTERLOCUTOR: O nome dele exatamente?

LUIZ CHAVES: Esse é o Vicente Lemos, cês devem conhecer o prefeito, como é que é o nome dele? Lemos, que foi prefeito aqui em Berilo. Berilo ou Itamarandiba. Que é do PT, o cara lutador do PT, tudo. É o Carlinhos Lemos, eu não sei o que Lemo, o filho dele, uma pessoa fantástica, fundador do PT, foi prefeito aqui de Itamarandiba, mas o Vicente Lemos era terrível. Ele recebia todo mundo, recebia, abraçava, oferecia cafezinho, quando cê saía da porta pra fora, ele mandava os bate pau sentar o bambu nos posseiros, descer o porrete, descer o porrete. Tivemos uma, uma, uma, um episódio lá em Jaíba, lá prenderam também uns quatro posseiros sem motivo nenhum, Polícia Civil comandada por ele.

INTERLOCUTOR: E qual é?

LUIZ CHAVES: Em Jaíba, foi nesse mesmo período aí, 81, 82. E eu estava na região, fui pra delegacia, pra ver o motivo que eles tinham prendido, e aí havia, não sei se eu já contei essa história, o doutor, um detetive chamado Fernando, ele simplesmente falou assim pra mim: “É porque vocês todos vão amanhecer com a boca cheia de formiga.” Ele enfiou uma escopeta na minha barriga, assim, quase me derrubou pra trás. Aí tinha o comandante do destacamento da

Polícia Militar, eu chamei: “O sô, sô, sô, o senhor não tá vendo? Tá vendo o quê que tá acontecendo aqui?”, ele simplesmente fez de conta que não viu nada, tá? E esse

Fernando ameaçou a mim e a todo mundo, ele disse: “Vocês vão amanhecer com a boca cheia de formiga.” E aí por sorte, quando, uma semana depois, ele espancou a mulher dele em Janaúba, a mulher dele voltou pra casa dos pais, ele foi buscá-la, quando ele bateu na porta pra entrar e pegar a mulher, o irmão dela abriu a porta e enfiou uma arma dentro da boca dele e atirou. Morreu ali mesmo falei: “Meu Deus, tive sorte.” Aliás (trecho incompreensível) o delegado também morreu, que me ameaçou morreu também, morreu na mesa de cirurgia aqui no Mater Dei, me ameaçou e morreu. Aí eu fico acreditando, o pessoal de Cachoeirinha, o pessoal de Cachoeirinha é muito, ali era pra ser um quilombo, né? Mas tinha muito pai de santo lá, e toda vez que eu ia lá, eles me davam o chamado despacho, né? Que é um passe.

INTERLOCUTOR: Passe.

LUIZ CHAVES: Pra dar um passe. E elas falaram Dona Mirinha que é mulher do Jardel, acho que ela tá viva ainda, se ela tiver lá, vale cês procurarem, viu? A Dona Mirinha, uma figura fantástica, viu? E ela sempre falava: “Tá vendo, Seu Luiz, é porque nós estamos protegendo o senhor. Nós estamos protegendo, tá todo mundo protegendo.” Né? Então, eu tive sorte, alguns morreram.

INTERLOCUTOR: O senhor se lembra de outros agentes da Polícia Civil, ou Militar?

LUIZ CHAVES: Olha, é Militar, se cê pegar na época da luta de Cachoeirinha, o mais terrível chamava-se cabo Guilherme. Cabo Guilherme era do destacamento de Janaúba, e ele foi responsável da morte de dois posseiros. Ele pessoalmente.

INTERLOCUTOR: Lá em Cachoeirinha?

LUIZ CHAVES: É, aqueles posseiros de Cachoeirinha, acho que é o Lucindo, que ele matou, (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

LUIZ CHAVES: Ahn?

INTERLOCUTOR: O cabo Guilherme matou o Lucindo?

LUIZ CHAVES: O Guilherme matou Antônio Manso, Antônio Manso de Brito, o Juarez foi morto pelo cabo Luiz Fonseca, da mesma destacamento de Janaúba, e o Marcio Onílio, o veinho das cachorrinhas que era apelidado, ele foi levado pelo cabo Guilherme e os jagunços do Sebastião, botou em cima de uma caminhonete, sumiu, ninguém até hoje ninguém sabe...

INTERLOCUTOR: Tem mais informações sobre o Marcio Elino, Onílio?

LUIZ CHAVES: Marcio Onílio, esse desapareceu., eu tô te falando que foi o Guilherme, o cabo Guilherme.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) de nome, amigo?

LUIZ CHAVES: O cabo Guilherme levou-o em cima de uma caminhonete juntamente com, caminhonete dos dois fazendeiros, e nunca mais foi visto, desapareceu. Então a maioria desses posseiros quem assassinou foi a própria Polícia Militar. A própria Polícia Militar, né?

INTERLOCUTOR: E o senhor sabe ou a Polícia Militar ou os jagunços, ou os dois juntos?

LUIZ CHAVES: Ajuntamento, os dois juntos, atuaram juntos.

INTERLOCUTOR: Só retomando um pouquinho, o senhor sabe dizer sobre esses projetos de desenvolvimento na área, na terra indígena dos Xacriabá? Porque hoje tem uma barragem da CODEVASF lá, mas o senhor sabe de outros, se tem uma referência muito grande a questão madeireira por parte dos indígenas, hoje, mas há outro tipo de projeto estatal?

LUIZ CHAVES: Não. Eu não tenho esse conhecimento porque como eu te falei, depois dessas lutas eu trabalhei no Sine até acho que 96... 96, 97, por aí. Eu acompanhei essas lutas, depois que ocorreram essas retomadas, eu acompanhei também a retomada do Monte Pascoal, retomada de Coroa Vermelha, eu acompanhei, eu tenho até foto cópia do jornal Folha de São Paulo, onde, quando teve aquele tiroteio lá no, lá no, na Barra do Caí, eu tava lá. Eu tô inclusive na capa do jornal, mostrando os buracos de bala nos coqueiros, lá. E acompanhei também a luta Tupiniquim Espírito Santo, aí quando houve toda essa retomada, eu saí do Sine. Aí não tive mais nenhum acompanhamento da luta indígena, certo?

INTERLOCUTOR: Lá em Jaíba, o senhor se lembra de algum caso, por exemplo, de alguém que foi queimado?

LUIZ CHAVES: Esse, esse menino, eu tenho até cópia de jornal. Cê num fez aquele dia?

INTERLOCUTOR: Fiz.

LUIZ CHAVES: Cê fez, é. Esse, aí, aí é um caso interessante, esse, eu estava lá fazendo já a campanha do Lula, a primeira campanha do Lula, tá? Como fundador do PT, eu falei que também fundei o PT na maior parte dos locais lá, e aí eu me deparei com a situação, havia a fogueira lá, e fumegando ainda. Fui lá retirei ainda pedaços de ossos da cinza e aí tomei conhecimento da história. Um fazendeiro foi encontrado morto e tomaram-lhe o trator, procuraram, aí saiu uma comitiva de fazendeiros procurando o trator, acharam o trator lá em Cachoeirinha, ao lado da ponte tem o Rio

Verde que passa por baixo, ao lado da ponte, tinha um menino lavando o trator. Lavando o trator. Pegaram esse menino, levaram pra Jaíba, torturaram, o povo fala que ele foi jogado assim

na fogueira vivo, tá? Dentro da cidade. Queimaram esse menino sem saber se era ou não que havia furtado o trator. E quando eu cheguei lá, então, eles me levaram lá e eu tirei pedaços de ossos, mandei esses pedaços de ossos pra delegacia ainda. Aí foi, eu sei que foi instaurado um processo na comarca de Grão Mogol, não sei porque em Grão Mogol, tinha uma comarca lá que pertence a (trecho incompreensível), não tem conhecimento do desdobrar disso aí, mas o quê que eu fiz, então? Eu fui pro telefone, aquela cabine telefônica, aí espalhei a notícia, botei no jornal. Botei no jornal, liguei pra Belo Horizonte, Secretaria de Segurança, pra FETAEMG, pro PT, liguei pro PT ligar pra todo mundo, e saiu uma grande reportagem no Estado, no jornal do Norte, que é o que tem a foto minha inclusive, e aí o delegado daquela época era o doutor Mesquita, Aluísio Mesquita, confirmou. Se cê pegar o jornal, leia lá que cê vai ver o delegado confirmou que realmente o menino foi queimado, tatatá, mas o delegado não, não tomou uma posição. (trecho incompreensível) “É, bom, foi queimado, foi queimado, é. Eu cheguei lá já tinham queimado, tatatá.”

INTERLOCUTOR: Nós vamos retomar um assunto que foi pra focar na conversa anterior, mas pra fim de registros. Como que era a atuação do senhor quando ocorria algum assassinato de posseiro? Quais eram os procedimentos com base pela CPT, e o senhor, nesse estágio de violência contra posseiros?

LUIZ CHAVES: Essa, essa questão era, nós também tínhamos essa incumbência, como a gente não dava conta de acompanhar todos os conflitos, a gente orientava: “Morreu alguém, enterra em cova rasa, cova rasa.” Porque ninguém tinha essa orientação, né? Normalmente matavam e enterravam como se, como em cova comum e tudo. Então enterra em cova rasa. E aí o quê que a gente fazia? A gente pegava um médico legista, não existia na época, nem em Montes Claros tinha médico legista, aí eu vinha de Montes Claros com meu Fiatzinho 147, pegava o médico legista aqui da Faculdade de Medicina e levava pra região pra fazer a necropsia. E assim, acontecia com todos os que morriam, e isso era feito muitos dias depois, como ocorreu com o Seu Júlio Miranda, pai da Cidinha. Ele já fazia semanas que estava enterrado, ós

fomos desenterrar num horário terrível, à noite, chovendo, lampião na mão, o lampião não parava acesso, cê imagina a cena, e eles num tinham, de tão pobres, não tinham um enxada, e não tinham uma pá, pra desenterrar aí ia desenterrar com um prato, esse prato de, de esmaltado.

ROBSON: Esmaltada o.

LUIZ CHAVES: Prato de esmaltado. Desenterra defunto com o prato. Aí quando retiramos da cova, meu Deus, já tava assim... totalmente em putrefação e eu ajudando o médico, sem luva, sem máscara, sem nada, serrando, cortando, tirando pedaço. A turma que tava perto todo mundo correu, num ficou ninguém. Então, o Alvimar que morreu recentemente, um grande companheiro de luta, da CPT, que ele sempre falava que eu tinha estômago de urubu, porque eu realmente nunca tive medo de cadáver, de nada. E aí mas todo mundo correu, como acabamos era 2 da manhã, chuva, ensopado, lama, a mãe da Cida fez uma jantinha lá pra nós, um franguinho caipira com angu. Franguinho caipira branquinho, com açafraão, devia ser, ninguém comeu. Ninguém comeu.

INTERLOCUTOR: Ninguém conseguiu comer?

LUIZ CHAVES: Eu fui lá e comi por todos, comi quase tudo. Aí o Alvimar nunca esquece, falou: “Não é possível.” Mas então era essa a orientação que a gente dava o próprio movimento sindical dava essa orientação pra gente no mínimo, né? Buscar identificar, né, quem matou, porquê que que matou, com quantos tiros e etc. Mas mesmo assim poucos processos iam à frente, muito pouco. Primeiro a FETAEMG não tinha advogado criminalista, o advogado nosso era civilista, então, na maioria das vezes se perdia a ação porque não se trilhava o caminho correto. A exemplo mesmo do pai da Cida, um assassinato frio, covarde, mesmo trazendo advogado renomado quem defendeu foi o Luiz Eduardo Grinaldo, que veio para João Pinheiro fazer a acusação, mesmo assim se conseguiu muito pouco, ficou poucos dias na cadeia o assassino. Então isso aí era uma falha do movimento sindical, não existiam bons advogados pra poder de repente, condenar esse pessoal que matava, né?

INTERLOCUTOR: Qual a sua avaliação da apuração deste casos de assassinatos, em relação à atuação do poder público?

LUIZ CHAVES: Poder público ele não fazia nenhum esforço também, pois se chama poder público, o próprio juiz local, normalmente o processo julgado na comarca local, o juiz pra começar, todo juiz naquele tempo ele já de cara recebia da prefeitura uma casa pra morar. De cara ele era chamado a participar das festas e tudo quanto é tipo

de solenidade, de cara ele fazia amizade com todos os fazendeiros do lugar, chamado pra todo e qualquer evento, jamais um juiz desse é isento pra julgar uma causa contra um amigo, e num é um nem dois, nós tivemos inúmeros casos né? O próprio caso do Saluzinho. Houve o recurso para Belo Horizonte do caso do Saluzinho pro Saluzinho sair da cadeia, pra soltarem Saluzinho, não tinha processo nenhum. O presidente do Tribunal de Justiça indeferiu porque foi registrado que ele era amigo do Osvaldo Antunes, porque ele tinha trabalhado em Montes Claros, e era até compadre do fazendeiro que era inimigo de Saluzinho, por isso ele indeferiu.

INTERLOCUTOR: Você se lembra do nome dele?

LUIZ CHAVES: Então vejam bem aqui, eu tenho registrado, naquele, eu te dei um artigo.

INTERLOCUTOR: É, tá comigo.

LUIZ CHAVES: Lá tá registrado o nome do juiz, do tribunal aqui, que negou recurso porque era amigo do Osvaldo Antunes. Então amigo porque ele passou por Montes Claros e fez amizade com ele. Então você imagine a influência, né, do, do, do... o poder judiciário nunca foi isento, se passar por interior nunca é isento. Uma luta grande nós fizemos através do movimento sindical, inclusive fizemos isso com o próprio Júlio (trecho incompreensível), de retirar na região o julgamento.

INTERLOCUTOR: Levar pra outro lugar?

LUIZ CHAVES: Todo e qualquer posseiro a gente lutava pra né, desaforar. Tirar da região o julgamento, fazer numa comarca fora, longe, onde não tivesse nenhum contato, nenhum dos jurados tivessem conhecimento do fazendeiro. Mas é muito difícil, a gente depende da justiça também deferir ou não deferir esse processo. Então daí porque a maior parte dos assassinatos que ocorreram nesse tempo, eu não conheço nenhum que tenha sido de fato julgado seus assassinos, ou mandantes punidos, né, eu não conheço.

ROBSON: Luiz, agora eu vou te pedir só uma ajuda, né? Tendo em vista todo o seu conhecimento. Uma das questões nossas é que nós precisamos de fazer uma vinculação dessa violação, dessas violações de direitos e a questão da ação do estado, principalmente nesse período ditatorial, né? E há muitos argumentos de que a luta pela terra, ela sempre existiu no Brasil, e não tem uma vinculação direta com esse tipo de período. O que eu obviamente discordo, né? Também, mas qual que seria a sua, a sua opinião sobre isso, até nos ajudando a elaborar melhor o argumento.

LUIZ CHAVES: Olha, eu, eu sinceramente, eu acho que discordo um pouco de você, porque pra mim tá muito claro, se ocê pegar o número de assassinatos hoje, já tá maior do que daquele tempo. Chacina atrás de chacina. E aí? Bom, cê pode responsabilizar o Estado? Pode, pode, ainda que indiretamente. Mas daquele momento, dos vários assassinatos que nós acompanhamos, eu não via, exceto esses aí de Cachoeirinha, público e notório, assinado pela polícia, é, é, a maioria dos outros que eu acompanhei, não teve a participação de agente público, ou de poder público, de certa forma. Tá certo? Todos os assassinados pelo fazendeiro, pelo jagunço do fazendeiro. Claro, cê pode dizer: “Não, mas tinha o apoio, a retaguarda.”

ROBSON: Mas no caso das empresa.

LUIZ CHAVES: A retaguarda. Ahn?

ROBSON: Essas empresas de reflorestamento, aquela ideia da ditadura, de ampliar as fronteiras, Brasil grande, vamos dar pras empresas fazer o progresso, isso num...

LUIZ CHAVES: Eu acho que isso é possível ainda de você mover uma ação contra o estado, tá certo? Pedindo indenização, né, por danos materiais, morais, etc. Mas você levar pra área penal eu acho difícil. Na área civil é perfeitamente possível, né? Por quê? Isso tudo foi feito como já falei, com a participação direta do Estado. Ou seja, o Estado falava: “Essa terra é minha, essa terra aqui é minha, eu vou fazer um contrato, cê vai pra lá, agora se tiver algum posseiro lá, o problema é seu. Você se acerta com ele, cê resolve com ele.” Então o Estado lava a mão nesse momento, quando deveria dar prioridade aqui a resolver o problema daquele posseiro, né? Que é, né, a parte mais fraca do negócio. “Vamos socorrer o primeiro, se sobrar terra vamos (trecho incompreensível) a terra toda.” Quer dizer, mas isso obviamente não acontecia porque existe toda uma política também desenvolvimentista.

ROBSON: Isso.

LUIZ CHAVES: Política desenvolvimentista coincide, essa época toda que eu me referi, com a criação da SUDENE, né? Ou a expulsão, quando não feita pelo reflorestamento, acontecia a rodo também nas fazendas, cheias de agregados, meeiros, posseiros, meeiro agregado, que faziam uma parceria de longa dada com aquele fazendeiro. Aquele fazendeiro vivendo de forma, de certo modo, rusticamente, né? Doando terra pro pessoal plantar, colhendo a meia, ou a terça, ou décima, etc. e tal. E num momento em que surge essa política desenvolvimentista, esse fazendeiro também vê a perspectiva de colocar suas terras para produzir mais, colocar maq... adquirir maquinário... essa era a grande mote do governo, financiar maquinário,

financiar as lavouras, modernas lavouras através dos modernos insumos que começaram a surgir, a revolução verde. Revolução verde, pega esse período aí. Então o quê que os fazendeiros faziam? Isso era comum, desde Goiás, quando eu estava em Goiás eu já via; dava a última roça pra ele plantar, plantava-se um pé de milho e a semente capim junto, quando ele colher o milho o capim já estava totalmente tomado, e em seguida, a roça que era de milho, virava um capinzal para o gado.

INTERLOCUTOR: Pasto.

LUIZ CHAVES: Pasto para o gado. Então esse processo de modernização do campo, expulsou milhares de posseiros também. Todos esses posseiros foram parar na beira das favelas da cidade também. Então, de um lado esse processo de desenvolvimento, e do outro lado, o apoio do governo diretamente distribuindo terras devolutas, públicas, cheio de posseiro em cima e responsabilizando as empresas para acertar, fazer acordo com os posseiros, que nunca existiu acordo nenhum. Normalmente, normalmente não. Eu não encontrei nenhum que foi indenizado, que recebeu um pedaço, todos foram brutalmente retirados da terra, tendo seus pertences todos queimados, seus ranchos queimados, suas casas queimadas, entendeu? Se você pegar uma cidadezinha hoje, se formou lá na Vale das Cancelas, estrada de Montes Claros a Bahia, eu conhecia ali quando era estrada de chão, começou a pintar os primeiros barraquinhos de palha, eram exatamente pessoal que já tava sendo expulso do serrado, cê vai lá hoje é uma cidade, uma cidade. E onde existia milhares de posseiros, existia uma produção importantíssima na região de Rio Pardo. A micro região de Rio Pardo ela abastecia praticamente até Montes Claros, de banana, café, mandioca, rapadura, cachaça, ela abastecia a região norte de Minas, só a micro região de Rio Pardo. Era uma produção fantástica, o mercado mais importante que tinha era exatamente Rio Pardo e São João do Paraíso, Mercado Municipal, feira, a feira no final de semana, aos sábados, era uma festa, cê vai lá hoje não existe nem mercado. Nem mercado existe mais, não existe nem feira mais. Quer dizer, toda essa produção foi sufocada pelo eucalipto, né? Então foi uma política pública, uma política do governo.

INTERLOCUTOR: Tem algum assunto ou situação que não foi abordado que o senhor gostaria de comentar? Despropriação, ameaça, ou situações de violência, assassinatos que o senhor gostaria de destacar? Ou a atuação de algum sindicato?

LUIZ CHAVES: Olha eu acho que é muito difícil você separar, né? Mas se você puder encontrar o Antônio Inácio de Januária.

INTERLOCUTOR: Eu encontrei.

INTERLOCUTOR: Encontrou.

LUIZ CHAVES: Não sei se ele vai lembrar, mas à época dos grandes conflitos, somente em Januária, só no município de Januária, concentrava metade dos conflitos de terra do norte de Minas concentrava-se no município de Januária. Mas também era o maior município de, de Minas Gerais.

ROBSON: Extensão.

LUIZ CHAVES: E existia um conflito muito sério ali, na região de Pandeiros e Peixe, que era por sinal, o grileiro era um deputado de São Paulo, Herbert Levi, Herbert Levi.

INTERLOCUTOR: Herbert Levi. Ele era o grileiro?

LUIZ CHAVES: Ele era o maior grileiro na região ali era o deputado. Cê conheceu? Já ouviu falar né?

INTERLOCUTOR: Não, é, a minha pesquisa eu encontrei o nome dele.

LUIZ CHAVES: Diz que ele era um deputado exemplar no estado de São Paulo.

INTERLOCUTOR: É.

LUIZ CHAVES: E o outro era um médico.

INTERLOCUTOR: E ele era muito em defesa dos trabalhadores rurais na câmara.

LUIZ CHAVES: Exato, ele tinha um papel duplo, né? E

INTERLOCUTOR: É.

LUIZ CHAVES: Ia outro, era um médico, Doutor Luiz Renault, Luiz Renault, terríveis, naquela região dos bois. Hoje já pertence a município de Córrego Marinho, mas eram os dois principais conflitos ali, o sindicato teve uma atuação direta, o sindicato teve uma importante atuação ali, né?

INTERLOCUTOR: E o aí é o sindicato de Januária, né?

LUIZ CHAVES: Sindicato de Januária. O sindicato de Januária é um dos mais antigos da região. Quando eu cheguei lá já existia o sindicato de Januária.

INTERLOCUTOR: Há outros sindicatos ou lideranças que gostaria de destacar? Que foi importante na década de 80?

LUIZ CHAVES: Muitos já morreram.

INTERLOCUTOR: Mas sindicatos que tiveram uma atuação importante?

LUIZ CHAVES: Sindicato Brasília de Minas, chamava-se Joaquim Ferreira, Joaquim Barata que foi o presidente do sindicato, ele, ele, o sindicato foi criado diante de uma luta também contra o reflorestamento. Que chegando até dentro da cidade, cê vê eucalipto ali, né? E esse Joaquim teve um enfrentamento importante, pena que ele

faleceu. Faleceu já, e não sei quem é hoje o presidente, lá, né? Mas foi importante. Buritizeiro teve um papel importantíssimo, porque Buritizeiro tem um enfrentamento direto com a UBR, o Terra do Vale, como é que chama? Que era presidente do sindicato rural, O Áscar Terra do Vale, quando nós criamos o sindicato de Buritizeiro, ele publicou um jornal, eu não consegui, não achei a cópia. E até tive na sede do jornal Corrente, um jornal importante, Jornal Corrente, lá de Bocaiuva, de Pirapora, e o Jornal Corrente também fechou as portas, mas era, ele pulicou uma cartilha explicando quem, o quê que eram os comunistas, e como que a região estava sendo tomada por comunistas, e que esses comunistas iam tomar não só as terras, mas as famílias da região. Um trem horroroso. E esse cara, se cê olhar até na internet você vai ver, ele tem um, ele tem um blog, ele tem artigos, ele tem tudo, esse cara, o Áscar Terra do Vale. Bandido. Porque... e aí ele jogou todas as forças pra fechar o sindicato. Sindicato de Buritizeiro, que o Elói me ajudou a fundar. O Elói, juntamente com Elói, nós fundamos esse sindicato. E era uma bandidagem só ali, pelas empresas reflorestamento que tinham cercado Buritiz. Buritizeiro naquela época ele tinha 62 empresas de reflorestamento, ou seja tinha uma empresa grande que era a Replaza, tinha a Replaza, tinha a Reza, tinha a Adflor Reflorestamento, e essas sub empreitavam, sub empreitavam. A gente chama de gato, cadeia de gato, né? Muitas têmaté uma cadeia desenvolvendo cinco escada de gato, imagina quando chega lá no último, e o último dos últimos quem é? É o coitado que pega no pesado lá, totalmente depenado, sem salário, trabalhando pela comida, pela cachaça. E ele, ele se levantou uma campanha, levantou-se contra o sindicato, e esse artigo, essa cartilha que ele publicou era trem de doido, né? O Áscar Terra do Vale. Comunista tava tomando conta da, do Buritizeiro.

INTERLOCUTOR: É isso.

ROBSON: Tá ok.

INTERLOCUTOR: Obrigada.

ROBSON: (trecho incompreensível) o documento, se você puder...